



UMA AVENTURA NO MUNDO VIRTUAL

Para crianças de 8 a 88 anos

AUTORA

Saara Nousiainen

Escrito na Finlândia

Cap. 01 - O COMPUTADOR

Um veículo para em frente à casa.

– É o carro do papai! – exclama Seppo, de 7 anos. É o mais novo dos irmãos, vive sempre alegre e é muito brincalhão. Seu cabelo louro e caracolado brilha como se fosse de ouro, quando no sol.

- Será que ele trouxe o que estamos pensando? – Pergunta Teekka, uma garotinha esperta, mas preguiçosa, que acabou de completar 10 anos.

- Ele nos prometeu um presentão, e só pode ser o nosso computador – Diz Gilbert, o mais velho, de 11 anos, que tem uma grande paixão, navegar na Internet, mas isso ele só pode de longe em longe, quando vai ao escritório do pai.

Os três são filhos de Amanda e Jasse Virtanen. Na escola são conhecidos como “os Virtaset”. Amanda é brasileira e o marido é finlandês. As crianças nasceram na Finlândia, mas quando Seppo ainda era um bebê a família mudou-se para o Brasil.

Correm para abrir a porta da garagem. Outros minutos de expectativa e por fim... lá estão elas, algumas caixas, no portamalas.

– É o nosso computador, papai? – pergunta Teekka, ansiosa.

Seu Jasse sorri sob os grandes bigodes e diz:

– Com multimídia, acesso à Internet e tudo o mais.

De tão contente Gilbert fica sem voz. Era tudo o que tinha sonhado.

Os três cercam o pai com beijos e abraços de gratidão. Instantes mais tarde os quatro chegam com as caixas à sala de estudo.

Seu Jasse, com ar muito sério, diz:

– Meus filhos, vocês têm se esforçado nos estudos, têm tirado notas boas na escola, por isso resolvi lhes dar esse presente. Mas eu quero duas coisas de vocês: que não briguem... e que usem o computador para estudar.

– Só para estudar? – reclama Teekka, desapontada.

– Mas, pai... – começa Gilbert a dizer, todo aflito.

– Não, filhos. Não é só para estudar. Vocês podem fazer seus trabalhos no computador durante a semana, mas Internet... só aos domingos.

Vendo o pai fazer menção de sair, Gilbert pergunta:

– O senhor não vai ligar?

– Não, filho. Isto é trabalho para o técnico. Agora vão tirar esses uniformes e tomar um banho.

As crianças obedecem, decepcionadas, enquanto seu Jasse

se encarrega de levar embora as caixas vazias.

No dia seguinte, que é um sábado, logo cedo, o técnico chega para instalar o computador.

Terminada a instalação, verifica que tudo está em ordem e sai.

No domingo, os três acordam muito cedo e correm para junto da porta do quarto dos pais.

- Será que vão demorar para acordar? – Pergunta Teekka,

Os minutos passam lentamente, como se estivessem arrastando um caminhão atrás de si, até que, finalmente, seu Jasse abre a porta.

- O que aconteceu? – Pergunta com ar preocupado.

- O computador, papai... – diz Gilbert. Já podemos...?

Seu Jasse sorri, beija os filhos e diz:

- Primeiro vamos tomar o café da manhã e vocês vão cuidar de seus afazeres matinais.

Algum tempo mais tarde, os três correm para junto do pai.

- Pronto papai... terminamos – diz Gilbert – e olhando na direção da sala de estudos, pergunta: já podemos...?

Seu Jasse levanta uma sobrancelha, como faz quando pensa numa resposta, e diz:

- Esperem que daqui a pouco vou ligar o computador e dar umas orientações a vocês.

Os três correm até a sala de estudos e sentam-se em volta daquele aparelho mágico, cheios de expectativa.

Gilbert fica olhando o computador como se estivesse hipnotizado. Aos poucos sua mão vai se aproximando como se fosse ligar o aparelho.

Teekka arregala os olhos, como sempre faz quando se assusta, e grita: - Não! Quer que o papai nos tire o computador?

Gilbert recolhe a mão e Seppo cai na gargalhada, olhando a cara da irmã. – Olha a cara de coruja que a Teekka faz quando fica assustada... cara de coruja, qua, qua, qua... cara de coruja...

Teekka sempre fica furiosa quando o irmão a chama de cara de coruja. Já ia se levantar para dar-lhe uns tabefes, mas lembra da recomendação do pai, “não quero brigas”. Para se acalmar e passar o tempo, diz:

- Recebi uma mensagem da Miina. Ela disse que tem uma vizinha no prédio onde mora, que é tão viciada em cigarro que desce a cada duas horas para fumar, em frente ao prédio.

- E porque não fuma em casa? - Seppo pergunta.

- Porque no prédio dela o fumo é proibido – responde Teeka. – Ela é tão viciada que até com chuva vai fumar... E deve ser engraçado. Sentada num banco, embaixo do guarda-chuva... a chuva caindo e ela lá... dando manutenção ao vício.

- Que coisa horrível! Exclama Gilbert.

- É horrível mesmo – concorda Teeka. – E até de madrugada e mesmo no inverno... Imagino como deve ser medonho uma pessoa, de madrugada, embaixo de chuva ou numa tempestade de neve, lá fora... só pelo vício...

- Os vícios são mesmo horríveis – diz Seu Jasse, entrando na sala. – E não só o fumo. Todo vício é ruim. Não veem o nosso vizinho? Ele começou a beber quando era adolescente e foi se viciando em álcool. Hoje é esse trapo humano.

- Soube que ele bate nas crianças quando está bêbado - diz, D. Amanda, entrando na sala.

Seppo, com ar assustado, pergunta, olhando para o pai:

- O senhor nunca vai ficar bêbado, não é papai?...

Não se preocupe, meu filho – responde Jasse. – Isso nunca vai acontecer.

Amanda, toda bonita, arrumada para sair, aproxima-se dos filhos e pergunta:

– E então, estão contentes?

– É massa!... superlegal! – exclamam as crianças.

– Nós já estamos indo – diz seu Jasse.

Dona Amanda, com ar preocupado, acaricia as cabeças dos filhos:

– Vocês vão mesmo ficar bem, sozinhos?

– Não se preocupem... a gente se garante – afirma Gilbert.

Teeka, sempre carinhosa, vai abraçar a mãe e depois o pai, dizendo:

– Nós já somos bastante grandinhos... Podem viajar tranquilos.

Seppo abre um sorriso maroto e, fazendo cara de bobo, diz:

– Eu não sei bem o que é isso de segunda lua-de-mel, mas... deve ser muito bom. E vocês merecem.

Teekka tem certa “pinimba” com Seppo porque ele é muito popular por sua gaiatice e constante alegria. Dá-lhe um cascudo, reclamando:

– Deixa de ser puxa-saco. Claro que eles merecem... Nem é preciso dizer.

– Olha o que eu disse sobre as brigas! – reclama seu Jasse.
– Quero vocês amigos uns dos outros. A tia Tiina vai ficar com vocês, até nós voltarmos. Sejam obedientes. Também não se esqueçam do que eu falei. Hoje há muita gente viciada em Internet, em videogame e até em celular. As pessoas assim viciadas prejudicam muito a si mesmas, a seus estudos, trabalho, amizades e tudo o mais em suas vidas, e isso é tão grave que em vários países existem clínicas próprias para trata-las. São tratamentos muito difíceis, e o viciado sempre sofre muito para conseguir livrar-se dessas dependências.

Depois de beijar as crianças o casal sai de mãos dadas. Dá para ver que, apesar dos muitos anos de convívio e de algumas briguinhas, ainda continuam apaixonados um pelo outro.

Gilbert, com ar de conhecedor, o coração aos pulos, liga o computador, e começam a viajar pelas páginas da Internet.

De repente, aparece uma porta fechada, onde está escrito “Curso de idiomas”. Em seguida a porta se abre mostrando uma sala de aula, com o professor diante de um grupo de alunos.

– Muito bem, diz o professor. Parabéns aos novos alunos do nosso curso de idiomas...

Não termina de falar porque a tela congela. As crianças olham-se apreensivas. Será que entrou algum vírus?

Teekka, com ar decepcionado, sugere:

– Dá “enter” para ver se acontece alguma coisa.

Gilbert atende, e a tela fica escura.

– Essa não! – exclama Seppo, contendo a custo as lágrimas.

Mal acaba de falar, surge na tela uma luz azul com franjas douradas. Aos poucos começa a girar formando um rodaminho. As crianças observam que aquilo não está acontecendo apenas na telinha do monitor, mas também no próprio ambiente da sala. Tudo passa a girar cada vez mais depressa, e os três são sugados para dentro do computador.

Cap. 02 – OS MENSAGEIROS DE ASHTARIH

O rodaminho para, e eles percebem que estão num grande salão semicircular, uma espécie de teatro. Só que, em vez de cadeiras, há nos largos degraus pequenos camarotes. À frente, um palco com arranjos de flores raras, plantas exóticas e uma mesa com três caixas contendo objetos estranhos. As paredes, em tons de azul e pérola, vão se fechando para cima em funil, até formarem pequena abertura no alto. Por essa abertura penetra um feixe de luz que vai mudando lentamente de cor – azul, verde, rosa e dourado –, refletindo-se nas paredes e nos camarotes e fazendo belos efeitos cromáticos. Os camarotes estão quase todos ocupados por grupos de três ou quatro crianças, aparentando entre 8 e 14 anos. Todas demonstram estranheza em suas expressões.

Uma música alegre toca baixinho, e aquela estranha plateia permanece quieta, em grande expectativa. De repente a música para, e no meio do palco aparece uma luz dourada que rapidamente se transforma numa menina de uns 12 anos. É muito bonita. Tem a expressão serena e meiga, mas firme, e, nos olhos muito azuis, surgem vez por outra reflexos dourados. Que magnífica figura! As crianças estão maravilhadas.

A menina sorri. É um sorriso lindo, espontâneo. Ela diz:

– Eu sou Ashtarih e represento o Comando do nosso Sistema Solar.

A voz tem um timbre cheio, gostoso de se ouvir. Percebe-se que ela está acostumada a liderar e a falar para grandes plateias. Continua:

– Vocês podem me fazer perguntas... é só levantar a mão.

Um garotinho levanta a mão. Ashtarih faz um gesto convidando-o a falar.

– Eu pensei que isto fosse um curso de idiomas com prêmios para os vencedores.

– É verdade. Só que vocês foram escolhidos para uma missão... Se concordarem... é claro.

Ashtarih faz pequena pausa e continua, falando com muita seriedade:

– Vocês estão sendo convocados, junto com muitos outros grupos de crianças, para ajudarem a Terra.

Essa informação é tão inesperada que todos ficam boquiabertos. Finalmente, alguém pergunta:

– Ajudar a Terra?

Ashtarih vai percorrendo os camarotes com o olhar, enquanto fala.

– Exatamente. Este planeta tem evoluído muito nos últimos anos. Milhões de pessoas querem ver a Terra como um grande lar onde todos possam viver bem.

Uma menina levanta a mão e diz:

– Isso é verdade, mas acho difícil porque a violência está crescendo demais.

Um garotinho levanta a mão e acrescenta:

– E não é só a violência. A corrupção também. Até parece que no mundo só tem desonesto.

Outro menino, aparentando uns 12 anos, diz por sua vez:

– Eu acho que o pior são as drogas. Lá no meu colégio é só o que dá.

Seppo cria coragem e levanta a mão. Quando vê que todos estão olhando para ele, fica meio encabulado, mas dá o recado, falando de jeito engraçado.

– Pois é... Eu acho que desse jeito o mundo vai é se ferrar...

É uma risada só, de Ashtarih até a última das crianças. Quando silenciam, ela continua:

– Vocês sabem por que as coisas na Terra estão desse jeito?

Ninguém responde. As crianças ficam olhando umas para as outras, procurando alguma resposta. Ashtarih, com ar decidido, diz:

– É porque milhões de pessoas curtem a violência. Outros tantos milhões são desonestos e gananciosos, e seus pensamentos e emoções estão criando em torno do planeta uma faixa de energia muito perigosa.

Faz pequena pausa, observando o ar de preocupação que vai se formando em todos os rostos, e pergunta:

– Algum de vocês já entrou num presídio?

Ninguém se manifesta, e ela continua:

– A pessoa que entra num presídio sente logo um ambiente pesado, agressivo. Já numa igreja ou num lar feliz, equilibrado,

o ambiente é leve, gostoso, não é mesmo? Isso acontece por causa do tipo de energia dos pensamentos e das emoções geradas pelas pessoas que vivem nesses lugares ou os frequentam. E, como disse antes, a faixa de energia maléfica está crescendo muito em torno da Terra.

Ashtarih faz pequena pausa e continua:

– Um gênio do mal, conhecido como Ruk Pollus, está planejando dominar este planeta, usando essa energia.

Um calafrio corre pelas costas das crianças, e a preocupação aumenta em suas expressões. Gilbert, vencendo a timidez, levanta a mão e pergunta:

– E esse Comando... do sistema solar... de que você falou, não vai fazer nada?

– Diretamente, não.

– Mas por quê?

– Porque, se os terráqueos criaram essa fonte de energia pervertida, são eles próprios que terão de destruí-la. Ou pelo menos dar os primeiros passos. E é para isso que estamos reunidos aqui, hoje.

Isso deixa a Teekka preocupada. Além de preguiçosa, ela é medrosa. Levanta a mão e, quando autorizada, pergunta:

– Por que esse trabalho tem que ser feito por crianças?

Com uma voz suave, mas firme, Ashtarih responde:

– Principalmente porque as crianças ainda não estão contaminadas pelo gosto do poder, da ganância, do ódio... São mais sinceras e honestas. Com isso elas têm mais chances de vencer.

Algumas crianças estão eufóricas; outras, assustadas. Um garotinho pergunta:

– Nós vamos ter que lidar com esse tal de... Ruk Pollus?

– Terão que lidar com ele, sim – responde Ashtarih. – Mas vocês não estarão sozinhos, nem desprotegidos.

– Estou com medo – diz Teekka, quase chorando.

Gilbert olha em torno e observa que o medo de Teekka começa a contagiar as outras crianças. Levanta novamente a mão e, autorizado, fala com segurança.

– Eu gostaria de dizer uma coisa. Se o mundo continuar assim como está, logo vai ficar tão ruim que vai ser pior que o inferno. Eu acho que nós podemos confiar em Ashtarih.

A menina sorri para Gilbert, faz um gesto abrangente e diz devagar, para que todos possam entender:

– Existem forças cósmicas muito poderosas porque são amparadas pela Grande Lei... e nós trabalhamos dentro das suas diretrizes. Se juntarmos amor, justiça, inteligência e energia, com dedicação e coragem...

Gilbert levanta os polegares das duas mãos e exclama:

– Eu topo!...

Vendo a expressão desconfiada de Teekka, Gilbert fala meio acanhado.

– Eu sei que sou meio agressivo... Adoro filme violento, luta marcial... De vez em quando, dou uns bofetes no Seppo..., mas, se for para melhorar o mundo... eu seria capaz até de virar santo.

Ashtarih sorri, levemente emocionada, sentindo a sinceridade do garoto.

– Não é preciso ninguém virar santo. Basta fazer tudo para não ser agressivo... e mais algumas outras coisinhas que eu já vou explicar.

Seppo faz o mesmo gesto com os polegares e diz com voz firme:

– Eu também topo! Eu quero fazer a minha parte para melhorar o nosso planeta.

Teekka levanta timidamente os dois polegares, dizendo com voz sumida.

– Está bem... eu também topo. Acho que está na hora de eu aprender a ser mais corajosa e... menos preguiçosa.

– Gostei de ver tua sinceridade, garota – diz Ashtarih. – Reconhecer as próprias falhas é o primeiro passo em nosso crescimento como gente.

Uma por uma, todas as crianças daquela estranha assembleia levantam-se, erguem bem alto os dois polegares em gesto afirmativo e gritam:

– Eu topo!

– Eu também topo!

Ashtarih sorri satisfeita.

– Ótimo!... Muito bem! Eu tinha certeza de que poderia contar com vocês. E repito: não precisam ficar com medo. O Comando Solar vai lhes dar cobertura, e, a partir de agora,

vocês serão conhecidos entre nós como os “mensageiros de Ashtarih”.

Em seguida convida as equipes a irem até o palco para receber seus instrumentos de trabalho.

Gilbert levanta, seguido dos irmãos, e vai se dirigindo ao palco. As outras equipes também levantam, mas todos param, dando-lhe a vez, como se vissem nele um líder. Já no palco, Ashtarih coloca-lhe no pulso um aparelho parecido com um relógio, dizendo:

– Isto aqui, Gilbert, é um mini-micro. Vai ser muito útil.

A Teekka ela entrega uma pedrinha cor-de-rosa:

– Isto é um condensador e transmissor de vibrações de amor. Basta usar o pensamento e a emoção. Pode colocá-lo em seu bolso.

A Seppo dá um objeto parecido com uma canetinha, que prende em sua camisa:

– Você vai precisar deste instrumento. Numa ponta ele gera energia e na outra dinamiza a alegria...

– O Seppo não precisa disso – atalha Teekka. – É a criança mais alegre que já vi. Quando não está brigando com Gilbert, está sempre sorrindo.

Ashtarih olha carinhosa para Seppo e alisa seu cabelo, dizendo:

– A sua alegria, Seppo, é muito útil e é muito importante. Mas você vai precisar deste aparelho. Cuidado para não o perder.

E, olhando com seriedade para os três, acrescenta:

– Procurem não brigar.

– No que depender de mim – afirma Gilbert – não vai ter briga.

Os Virtaset descem do palco voltando ao camarote, enquanto Ashtarih continua entregando instrumentos e apetrechos às outras equipes.

Cap. 03 - RUK POLLUS

Enquanto isso, numa grande nave espacial, Ruk Pollus examina um painel de controle. É um tipo alto, musculoso.

Tem a cabeça raspada e o tórax nu. Da cintura para baixo, veste uma espécie de calção azul-marinho que vai até o meio das canelas, amarrado na cintura com uma faixa vermelha; nos pés, botinas de um material parecido com borracha, e nos braços, uns braceletes de couro com enfeites de bronze. Pelos olhos negros perpassam reflexos cor de aço. É uma figura assustadora.

Junto a Ruk, há uma menina em tudo parecida com Ashtarih. A diferença está apenas na expressão do rosto e no olhar, que são duros, frios, sem aquele encanto da outra. Ruk termina de examinar alguns instrumentos e diz, com ar meio satisfeito, meio preocupado:

- Estamos chegando perto.
- Se o Comando Solar não se meter... – diz a menina.

Ruk olha para ela com um daqueles olhares que vão até o fundo da alma e pergunta pausadamente:

- Que é que você está sabendo, Faavia?
- Eu acho que a Ashtarih está reunindo crianças...
- Reunindo crianças?... Que é que ela pretende?
- Eu não sei.
- Pois trate de saber... agora!

Faavia sai correndo para cumprir a ordem de Ruk.

Enquanto isso, no grande salão, depois que todas as equipes receberam seus instrumentos, Ashtarih volta a falar:

– Agora, uma coisa muito importante. Vocês vão atuar como geradores e transmissores de “energia boa”. Dessa forma, todo o bem que conseguirem fazer... ou fazer que aconteça... e todos os bons sentimentos que nutrirem serão dinamizados pelo Comando Solar, e esse potencial todo irá atuar naquela faixa de energia perigosa de que falei, ajudando a destruí-la. Aí, Ruk Pollus não mais terá poder sobre a humanidade. Vocês entenderam?

Teekka responde:

- Eu entendi. Nós precisamos gerar energia boa...
- Isso mesmo! – exclama Ashtarih. – Só que essa energia é diferente. Ela é gerada a partir dos pensamentos e dos sentimentos. Assim, sempre que vocês pensarem no bem e na paz, sempre que sentirem amor, amizade e solidariedade, estarão gerando energia boa. E como disse, o Comando Solar

vai dinamizar, ou seja, vai ampliar, vai multiplicar essa boa energia que vocês gerarem.

– Mas, Ashtarih – contesta Gilbert – de que adianta isso se a Terra está cheia de pessoas tão ruins quanto esse tal de Ruk Pollus?

– A ordem é destruir essa faixa energética de que falei, porque esse perigo é imediato... e é dos mais graves na história deste planeta. Nunca houve um momento como este na Terra. Depois... o Comando sabe o que deverá fazer. Por ora, esta é a nossa missão.

Percorrendo todas as equipes com o olhar, Ashtarih continua:

– Acho que nem é preciso dizer que tudo isto é absolutamente sigiloso. Não comentem com ninguém. Mesmo porque, se vocês contarem isto a alguém, não vão acreditar... dirão que estão malucos. Só os pais de alguns de vocês serão avisados por nós.

Faz uma pequena pausa e conclui:

– Agradeço a todos em nome do Comando Solar e lhes desejo sucesso.

E antes que alguém possa fazer mais alguma pergunta, Ashtarih faz um gesto com a mão, e um novo rodado acontece, sugando cada equipe para algum ponto diferente da Terra.

Cap. 04 – AS TÁBUAS SALVADORAS

Quando tudo para eles olham em volta vendo em torno apenas altas montanhas. Um caminho segue em meio à vegetação, que é pouca e raquítica.

– Onde será que estamos? – pergunta Gilbert.

– Eu acho que estamos em outro país – diz Seppo, olhando em volta. – Isto aqui não tem cara de Brasil.

– Nós estamos no mundo virtual, esqueceu?

– E faz alguma diferença? – pergunta Teekka, começando a demonstrar mau humor. – Quero é ver onde vamos encontrar comida... Estou morrendo de fome.

– Não é reclamando que a gente vai conseguir alguma coisa – aconselha Seppo, que, mesmo sendo o mais novo, às vezes demonstra bastante sabedoria.

– Vamos em frente – diz Gilbert. – Esse caminho deve dar em algum lugar.

Os três partem.

Depois de caminharem por longas horas ladeando montanhas e pela beira de precipícios, sem chegar a algum lugar habitado, Teekka resolve parar. Senta em cima de uma pedra e informa aos irmãos, com ar decidido:

– Eu estou cansada!... Não dou mais nenhum passo.

Gilbert e Seppo também param. Seppo senta sobre uma ponta de rochedo. De repente, lembrando-se do aparelho que Ashtarih entregou a Gilbert, exclama:

– Nós podemos pedir socorro!

Gilbert, com ar decidido, retruca:

– Pedir socorro só em último caso, bobão. Nós vamos é continuar andando.

– E não me chame de bobão, que eu incho teu nariz com um murro – responde Seppo, raivoso.

Teekka, dando uma rara demonstração de iniciativa, levanta a mão na direção de Seppo e diz em tom ameaçador:

– Nem pense, Seppo!... e abaixe o tom da voz. Nada de brigas, nem de ofensas. Não se esqueçam de que estamos em missão.

Os meninos acomodam suas raivas e sorriem com ar misterioso. Afinal, estão em missão... e que missão!

– Mas eu ainda estou querendo saber para que é que serve esse mini-micro – diz Seppo.

Gilbert olha o aparelho com mais atenção. Parece um relógio de pulso, daqueles antigos. Abre-o. A parte interna da tampa é a tela de um micromonitor e a face do aparelho é um miniteclado.

– Que legal! – exclama Seppo, entusiasmado. – É massa!

Teekka, ainda de má vontade e já meio arrependida de ter concordado com a aventura, resmunga.

– Quero é ver para que serve essa coisa.

Gilbert toca a tela com a ponta do dedo e aparece uma pergunta: “Que deseja?”

– Olha que legal! Está perguntando o que desejamos.

Teekka não quer dar o braço a torcer e responde:

– O que desejamos? Cair fora daqui, é claro!

Seppo, apesar de sua eterna alegria, já está ficando cansado com o mau humor da irmã e reclama:

– Quer parar com essa mania de viver se queixando? Você ainda vai se dar mal...

Gilbert, sem se ocupar com a discussão dos irmãos, digita: “Estou com fome e sede”, mas a tela permanece como antes.

Os garotos olham-se com ar desolado. Uma pontinha de temor começa a se insinuar em suas emoções. O mau humor de Teekka transforma-se rapidamente em medo.

– E agora? – pergunta choramingando. – O que vai ser de nós?

– Eu acho que você tem que teclar o comando “enter” – diz Seppo para Gilbert, sentindo-se importante.

Este atende, mas nada acontece. Fala com raiva:

– Essa porcaria não serve para nada. Eu vou é jogar fora.

Teekka segura-lhe a mão.

– Espera, Gilbert. Eu acho que sei qual é o problema. Nós não somos uma equipe?

Os meninos concordam com a cabeça.

– Então é preciso dizer: “Nós estamos com fome”.

– Vamos ver – diz Gilbert, começando a digitar conforme a orientação da irmã, mas a tela apenas pisca e fica escura. Gilbert levanta o aparelho para jogá-lo fora, mas, antes que o faça, para, com os olhos arregalados:

– Olhem!

À sua frente surgira do nada um poste com um cartaz onde está escrito: “À direita, Pousadinha. À esquerda, deserto”.

Os Virtaset retomam a caminhada, seguindo pela direita, e logo chegam a um pequeno platô onde encontram três tábuas de madeira.

– E agora? – pergunta Gilbert. – Eu tenho a impressão de que essas tábuas foram colocadas aqui para nós.

– Também acho – concorda Seppo. – Acho que é para a gente levar...

Teekka dá um pinote:

– Eu é que não vou sair por aí carregando peso à toa. Estou

cansada.

– Pois eu acho que devia – diz Gilbert, enquanto levanta uma das tábuas. – Até que não é tão pesada.

Gilbert e Seppo apanham cada qual uma tábua e seguem caminho, subindo por uma encosta e chegando a outro platô. Teekka segura a tábua que lhe cabe levar, mas prefere largá-la no chão, resmungando mentalmente: “Brincar num computador é uma coisa, mas sair por aí, andando horas a fio, com sede e fome... e ainda por cima, carregando peso? Eu hein?”.

Mais alguns passos e topam com uma fenda geológica de uns dois metros de largura. Olham para baixo e levam um susto: não dá para ver o fundo, mas ouve-se o ruído de água corrente. Seppo e Gilbert colocam suas tábuas sobre ela e atravessam com cuidado. Teekka aproxima-se para atravessar, mas as tábuas, como se mão invisível as tocasse, caem, batendo pelas encostas do abismo. Apavorada, grita:

– Gilbert, Seppo... me ajudem!... não vão embora... me ajudem!

Gilbert e Seppo ficam olhando um para o outro, sem saber como ajudar a irmã. Teekka continua gritando, desesperada:

– Façam alguma coisa! Me ajudem!

Gilbert tem uma ideia:

– Só você voltando para buscar a tábua que ficou lá embaixo.

Dessa vez Teekka não reclama.

– Vou sim... eu vou..., mas me esperem aí... Prometam que vão me esperar.

– Nós esperamos, Teekka – grita Gilbert. – Mas vai aprendendo a lição, tá bom? A preguiça nunca é boa companheira. Mamãe sempre diz isso, lembra?

Cap. 05 - CONFRARIA DOS TRISTES

Dez minutos mais tarde, lá vem a Teekka subindo a encosta e arrastando a tábua. Instantes depois, atravessada a fenda, junta-se aos irmãos, continuando a caminhada. Mais outros dez minutos e finalmente avistam uma casinha encravada na

encosta da montanha. O céu está escuro, ameaçando chuva.

– Até que enfim, achamos a casa! – exclama Gilbert. – Estou morto!

Teekka lança um olhar de desprezo sobre a casinha e pergunta em tom de lamúria:

– Vocês chamam isso de casa? Isso aí mais parece um velho guarda-roupa rindo da nossa desgraça.

– Nossa desgraça? – pergunta Seppo. – Estamos numa missão importante para ajudar a salvar a Terra e você chama isso de desgraça?

Teekka fica olhando para Seppo, com ar envergonhado, sem saber o que dizer...

Começa a chover. Os três correm para a casinha. Por sorte a porta não está trancada. Entram a tempo de evitar um tremendo banho.

Gilbert fica olhando para Teekka com um sorriso irônico. A garota, meio envergonhada, resmunga:

– Tá bom... retiro o que disse. Esta casinha pode ser bem simples e pobre, mas está sendo a nossa salvação.

– Por que você não deixa de vez essa mania de reclamar de tudo? – pergunta Gilbert, com ar paternal. – Bobo é aquele que vive reclamando e criticando tudo.

– E aproveita para dar um “thiuti” na preguiça – completa Seppo.

– É isso mesmo – diz uma voz no interior da casa.

As crianças se assustam. Teekka agarra-se a Gilbert e Seppo procura algum canto onde se esconder enquanto um homem entra na sala. É alto, forte e muito simpático. O cabelo e o bigode são grisalhos, mas, pelo vigor que demonstra, fica difícil definir-lhe a idade.

– Não se assustem – diz o homem, com largo sorriso. – Sou amigo.

– Quem é o senhor? – pergunta Gilbert.

– Podem me chamar de Timoon. E vocês... devem ser as crianças mandadas por Ashtarih.

– O senhor a conhece? – pergunta Teekka, curiosa.

– Conhecer mesmo a Ashtarih... ninguém conhece. Mas vamos ao que interessa. Eu vou estar com vocês durante algum tempo... em alguns períodos.

– Ótimo, seu Timon! – exclama Teekka. – Assim não ficamos sozinhos.

– Bem, vocês agora podem tomar um bom banho – diz o homem. – Depois... Na cozinha vão encontrar o que comer.

As crianças sorriem, satisfeitas. Ouvem-se dois sinais de bip no relógio de seu Timoon e ele diz, tranquilamente.

– Ok, garotada. Já estou indo...

Seu Timoon desaparece assim como uma tela de computador que é fechada. Teekka dá um grito de susto. Seppo e Gilbert ficam mudos de espanto.

– E agora? – pergunta Teekka com um fio de voz. – Vamos dormir aqui sozinhos?

– Claro que não – diz Seppo, que não perde chance de fazer uma brincadeira. – Não viu aqueles fantasmas que se esconderam ali no quarto quando chegamos?

Teekka arregala os olhos, assustada. Gilbert, tramando uma brincadeira, diz ao irmão:

– Não diga bobagens, Seppo. Garanto como você também está morrendo de medo. Só não tem é coragem de assumir.

Caindo na armadilha, Seppo exclama:

– Eu, com medo? É só o que me faltava!

– Pois então vá na frente – diz Gilbert.

– Eu?... na frente? De jeito nenhum! Você é que vai... é o mais velho.

– Tudo bem – diz Gilbert, dirigindo-se para o interior da casa.

Teekka e Seppo seguem atrás. Está tudo na penumbra e as sombras são fantasmagóricas. Um arrepio de medo corre pelas costas das crianças. Gilbert abre a porta do quarto e começa a entrar, mas para de repente, faz um ar apavorado, dá um grito e volta correndo. Teekka e Seppo disparam para a sala de entrada e daí até a porta da rua. Detêm-se no patamar, calculando o que seria menos ruim, ficar na casa com os fantasmas ou sair na chuva. Gilbert começa a rir, dando gargalhadas das caras dos irmãos. Teekka, raivosa, tenta dar-lhe um cascudo, enquanto Seppo cai também na risada, dizendo:

– Fica me devendo essa, Gilbert! Espere só pra ver...

De madrugada, já perto do amanhecer, as crianças acordam

assustadas, ouvindo vozes na casa. Luzes bruxuleantes vagueiam pela fresta da porta.

– Quem será? – pergunta Teekka, num sussurro.

As vozes se aproximam, e dois vultos entram no quarto, carregando uma lanterna. São dois homens, um alto e outro mais baixo, muito magros e com expressões extremamente tristes. Barbas por fazer, roupas escuras e em desalinho, cabelos compridos e embaraçados. Tanto as fisionomias quanto os olhos expressam profunda amargura. A voz é lúgubre e a fala, lenta.

– O que vocês fazem aqui? – pergunta o mais alto.

– Quem são vocês? – indaga o mais baixo.

A muito custo Gilbert consegue responder:

– Nós somos irmãos... Esta aqui é a Teekka, este é o Seppo e eu sou Gilbert... Gil, para os amigos... Nós somos brasileiros... e...

– Ah, muito bem... – diz o alto, com sotaque carregado.

O baixo olha com olhar doloroso para as crianças e fala, com sotaque igual:

– Sorte sua... Só assim, vocês também vão ficar livres da carga pesada.

Teekka engole em seco algumas vezes, tentando recuperar a voz. Por fim pergunta, quase num murmúrio:

– Carga pesada?

– Isso mesmo – responde o alto. – Já que invadiram nossa casa vão ficar aqui para sempre. Não precisam voltar para o mundo. O mundo é mau... e é muito triste...

As crianças pulam para fora da cama, terrivelmente assustadas.

– Eles estão querendo nos prender aqui – diz Teekka, num gemido.

O mais baixo olha para as crianças com expressão de profunda tristeza e diz:

– Nós vamos lhes fazer um favor... um grande favor.

O alto, com cara de quem está quase chorando, diz:

– Vocês vão fazer parte da Confraria dos Tristes. Vão receber uma iniciação e nunca mais vão precisar sorrir.

– Mas sorrir é bom! – exclama Seppo. – A melhor coisa da vida é a alegria...

O alto avança para Seppo com a mão erguida, disposto a agredi-lo.

– Nunca mais... está me ouvindo? Nunca mais diga essa palavra de novo!

As crianças, apavoradas, correm para a sala procurando a porta para fugir. Está trancada. O alto coloca a mão sobre o bolso, mostrando que está com a chave.

– Desistam – diz o baixo. Não têm como escapar.

Olha para o companheiro e comenta:

– São mais três para a nossa confraria.

– Temos que sair daqui! – exclama Gilbert, em extrema aflição.

Seppo se aproxima dos dois homens, ajoelha-se em frente a eles de mãos postas e suplica:

– Por favor, senhores, não façam isso conosco. Se os senhores são tristes... nós não queremos ser.

Os dois não lhe dão a menor atenção. O alto olha o relógio e diz:

– Daqui a cinco minutos, chegam os oficiais da confraria. Aí podemos começar a cerimônia.

– Pelo amor de Deus, não façam isso com a gente – implora Teekka. – Nós temos mãe e pai... Eles vão ficar desesperados... Por favor!

O baixo derrama um olhar lamentoso sobre as crianças, enquanto diz:

– Vocês não sabem o que estão dizendo. A vida é uma carga escura e pesada que a gente tem que carregar. Por isso nós criamos a Confraria dos Tristes.

Gilbert chama os irmãos para um canto da sala e diz baixinho:

– Não adianta a gente discutir com eles... Temos que encontrar outro jeito.

– Que jeito? – pergunta Teekka, com voz chorosa. – Eles vão nos transformar em criaturas horríveis como eles próprios.

Os três estão desesperados.

Gilbert chama os irmãos para um canto da sala e diz baixinho:

– Não adianta a gente discutir com eles. Temos que

encontrar outro jeito.

– Que jeito? – pergunta Teekka, se esforçando para não chorar. – Eles vão nos transformar em criaturas horríveis como eles próprios.

De repente, Seppo arregala os olhos e exclama:

– Eu acho que achei!

Gilbert e Teekka olham ansiosos para o irmão, que continua:

– O problema deles não é a tristeza, a depressão? Então, vamos jogar alegria em cima deles...

– Você está sonhando! – exclama Gilbert. – Isso não daria certo. Nós estamos é perdendo tempo.

– Pois eu acho que não – interrompe Teekka, – Talvez o Seppo tenha razão. Vamos ver... cadê a tua canetinha?

– Está aqui – diz Seppo, pegando o aparelho que Ashtarih lhe dera. – Esta ponta azulada é a da alegria.

Teekka coloca as pontas dos dedos na parte azulada, mostrada por Seppo:

– Vamos, Gilbert, toca aqui... e vamos todos juntos mentalizar alegria para esses homens.

– Para eles e para toda a sua confraria – completa Seppo.

Os três fecham os olhos para melhor poderem se concentrar. Um sorriso desenha-se em seus lábios, e suas fisionomias vão tomando expressão de profunda alegria.

Ouve-se o canto de um pássaro sobre o telhado da casa. Depois outro e mais outro. Da cumeeira penetram na sala dois pássaros de belíssima plumagem colorida. Eles pousam sobre as mãos dos dois homens e começam a gorjear. Seu trinado é suave, belo, e aos poucos vai ficando mais vibrante, cheio de encanto e de alegria. Os homens não conseguem desgrudar os olhos dos pássaros. Suas expressões começam a mudar lentamente, muito lentamente. Seus rostos ficam menos tristes. Aos poucos, um sorriso tímido começa a esboçar-se em seus lábios, espalhando-se para todo o rosto.

Outros pássaros penetram na sala e ficam voejando em torno dos homens, juntando seus gorjeios aos demais. As crianças abrem os olhos e ficam deslumbradas.

– Que coisa fabulosa! – exclama Gilbert. – Nunca vi nada igual... nem na TV.

Os pássaros continuam voando pela sala, soltando no ar seus magníficos gorjeios. O baixo começa a assoviar, tentando imitar os pássaros. O alto faz o mesmo. As crianças, felizes, começam a bater palmas e a dançar. Os homens também começam a dançar. Primeiro sem jeito, duros, mas aos poucos vão relaxando e logo todos cantam, assoviam e dançam, na maior alegria.

De repente, os pássaros vão embora, deixando a casa silenciosa. O baixo olha o relógio e fica pálido. O alto prende a respiração. O minicomputador no pulso de Gilbert começa a emitir sinais de alarme. Todos estão com medo, olhando uns para os outros.

– São os oficiais da confraria que estão chegando – diz o alto, num murmúrio.

– Eu não quero mais voltar a ser triste! – exclama o baixo.
– Nem morto!

– Eu também não quero – diz o alto. – Agora que senti o gostinho da alegria, nunca mais vou ficar triste.

De fora chega o som de lamentos e o ruído de alguma coisa sendo arrastada no chão. Todos correm para a janela a tempo de ver a procissão dos tristes chegando em frente à casa, arrastando um grande tronco de árvore pintado de cinza escuro.

– Estão vendo esse tronco? – pergunta o baixo, e continua:

– Ele simboliza o sofrimento, que os tristes vão arrastando vida afora.

O alto dá um tapa na própria cabeça, como quem tem uma ideia importante, e pergunta às crianças:

– O que foi que vocês fizeram há pouco, para chamar aqueles pássaros?

– É mesmo – diz o baixo e pergunta: – Vocês podem fazer isso de novo?

As crianças olham umas para as outras. Seppo pega a canetinha e convida:

– Venham os senhores também.

Os cinco saem para fora, fazem um círculo e tocam a canetinha com os dedos. Fecham os olhos, e seus rostos vão-se iluminando.

Os da confraria ficam espantados ao ver seus chefes com

expressões sorridentes, em flagrante transgressão ao maior de seus mandamentos, mas, antes que possam dizer qualquer coisa, os pássaros entram em cena, pousando sobre suas mãos e trinando alegremente.

Acontece o mesmo fenômeno de antes e, após mais alguns minutos, estão todos sorrindo, cantando, assoviando e dançando, em grande alegria, festejando o fim da tristeza.

O alto corre para dentro da casa e volta com uma lata de querosene. Os outros, como se fosse num ritual, batem palmas e ajudam a tocar fogo no enorme tronco que os oficiais haviam deitado no chão do pátio e ficam dançando em torno do tronco, até que termine de queimar.

Todos estão muito felizes.

Cap. 06 - MUDANÇA DE PLANOS

No dia seguinte, bem cedo, os homens preparam-se para partir. Teekka dirige-se aos dois ex-tristes, agora alegres, perguntando:

– Por que não ficam conosco?

O alto responde, com largo sorriso nos lábios:

– Agora que descobrimos a alegria, precisamos aproveitar cada minuto. Nós vamos sair por aí. Vamos cantar para as pedras e as árvores, conversar com os pássaros e dizer às pessoas que a alegria é a melhor coisa da vida.

O baixo, num gesto espontâneo, ajoelha-se diante das crianças e fala com emoção:

– Nós agora estamos leves, cheios de vigor, de esperança, graças a vocês. Muito obrigado.

O alto também se ajoelha, rindo e chorando de alegria. Pega nas mãos das crianças, beijando-as.

– Muito obrigado mesmo!... Vocês nos salvaram!

– Quem sabe, um dia, a gente possa retribuir – diz o baixo, com lágrimas nos olhos e na voz.

As crianças ficam mudas. Não sabem o que dizer. Os dois se levantam para seguir caminho. Os oficiais da Confraria dos Tristes, que resolveram mudar o nome para Confraria dos Contentes, também agradecem efusivamente, e todos partem

assoviano e cantarolando, felizes, sob os magníficos raios do sol matinal.

Teekka esfrega os olhos e dá um longo bocejo.

– Estou morrendo de sono – informa. – Acho que vou dormir um pouco.

Mal acaba de falar, soa um alarme no mini-micro. Os três olham para a telinha, na qual aparece a frase: “É hora de ir”.

– Ir agora? – indaga Teekka. – Vou nada! Eu vou é dormir...

Seppo pisca o olho para Gilbert e fala:

– Gilbert, vamos deixar a Teekka aqui, descansando. Vamos só nós dois.

A garota, que já estava se encaminhando para a casa, dá um pulo.

– Vocês estão loucos? Me deixarem sozinha nessa casa mal-assombrada?... Nem pensar!

Seppo e Gilbert caem na gargalhada e logo os três estão de novo com o pé na estrada.

O sol já vai alto quando param à beira do caminho para descansar. O caçula olha em torno, procurando algo.

– Está procurando o quê, Seppo? – pergunta Teekka.

– Um lugar pra fazer pipi.

– Ora essa! – exclama Gilbert. – Faz ali, atrás daquelas moitas.

Seppo vai para trás das moitas de arbustos, enquanto os outros se deitam na grama para repousar. Passam-se vários minutos. De repente, Teekka levanta a cabeça, dizendo:

– Seppo está demorando muito.

– Ei, Seppo! – grita Gilbert. – Enganchou?...

Seppo não responde. Gilbert e Teekka levantam-se e vão procurá-lo. Nada. Atrás dos arbustos, ninguém. Chamam, e... nada. Teekka começa a chorar...

De repente Gilbert exclama:

– Será que não tem alguma entrada secreta nesses rochedos?

Os dois olham-se em silêncio e correm para os rochedos. Depois de muita busca, encontram uma estreita fenda, que se abre para uma gruta. Quando seus olhos se acostumam à penumbra do local, percebem a um canto uma lanterna e fósforos.

Gilbert acende a lanterna e os dois seguem pela gruta. Teekka, é claro, se esforça para segurar o medo. Caminham em meio a estalactites e estalagmites com formas as mais belas e estranhas. A gruta termina em degraus ascendentes que levam a uma porta. Não está trancada. Entram num corredor e logo chegam a um grande salão, em tudo semelhante àquele onde participaram da assembleia comandada por Ashtarih.

Os dois dão um suspiro de alívio. Acreditam estar nos domínios da menina que representa o Comando Solar. Uma voz, vinda não sabem de onde, fala:

– Muito bem, crianças, Ashtarih vai recebê-los logo.

Instantes mais tarde entra um homem enorme, de pele bronzeada e brilhante. Com um gesto convida as crianças a acompanhá-lo, conduzindo-as para uma sala vizinha, onde há um sofá, duas poltronas, estante com livros e, a um canto, um computador.

Mal acabam de sentar-se entra Faavia, fingindo ser Ashtarih. Fala, procurando fazer-se simpática e tendo o cuidado de não se aproximar deles. Teekka, aflita, vai logo perguntando:

– Onde está nosso irmão... o Seppo?

– Não se preocupem – responde Faavia. – Já, já ele estará aqui.

– Por que nos atraíram para cá? – indaga Gilbert.

Faavia vai caminhando lentamente pelo salão, observando as reações das crianças, enquanto diz:

– Vocês foram chamados aqui porque resolvemos mudar alguns planos... Nós estamos precisando falar com as crianças da Terra. Com o maior número possível de crianças. E achamos que vocês poderão ser os nossos porta-vozes.

– Por que nós? – pergunta Gilbert.

– Porque receberam o poder de Ashtarih – responde Faavia. – O que falarem irá repercutir na mente de todas as crianças semelhantes a vocês.

Gilbert e Teekka percebem que há algo de errado nessa Ashtarih. É mais dura, fria, embora procure fingir, e suas maneiras não têm aquele algo encantador da primeira.

– Semelhantes a nós? – pergunta Teekka, procurando falar com naturalidade.

– É... crianças assim... de boa natureza, fraternas, honestas. Nós não temos como chegar até elas, a não ser por intermédio de vocês.

– E o que devemos fazer? – pergunta Gilbert.

– Não se preocupem. No momento oportuno vocês saberão. Agora, vão ser levados a seus aposentos.

Faavia bate palmas rápidas e entra o mesmo homem que os conduzira até ali. Com um gesto convida as crianças a acompanhá-lo. Os “aposentos” são um apartamento de bom tamanho, bem mobiliado e belamente decorado. Na sala de jantar, a mesa posta com pratos os mais diversos desperta o apetite das crianças.

– Pelo cheiro, isto deve estar uma delícia – diz Gilbert.

Os dois sentam-se à mesa e, enquanto fazem os pratos, conversam discretamente e em voz muito baixa.

– Será que essa é mesmo a Ashtarih? – pergunta Teekka, num sussurro.

– Ela me pareceu estranha – responde Gilbert, também em voz baixa. – Não tem aquele ar sincero, luminoso, da que vimos naquela assembleia. Precisamos ter muito cuidado. Acho que eles pegaram o Seppo.

Teekka engole o medo e a vontade de chorar. Não podem dar demonstração de suas desconfianças.

– Coma tudo, Teekka – sussurra Gilbert. – Precisamos estar bem alimentados... senão, como é que vamos poder salvar o Seppo?

Mal terminam a refeição, começam a sentir um sono invencível e adormecem. Meia hora mais tarde, dois homens as carregam para outra sala, deitando-as sobre mesas de mármore. Trazem também Seppo, adormecido. Entra um homem de branco parecendo médico e atrás vem Ruk Pollus e Faavia, a falsa Ashtarih. O de branco implanta um objeto minúsculo na nuca de cada uma das crianças. Observando a cena, Faavia pergunta:

– Será que a dose de narcótico foi suficiente?

– Fique tranquila – responde o de branco. – Eles não vão desconfiar de nada. Além disso, eu coloquei um anestésico que vai deixar a pele da nuca meio adormecida... Não vão sentir o condensador.

– Vai ser muito engraçado – comenta Ruk, rindo de forma desagradável. – Eles vêm combater a nossa energia e vão nutrir-se com ela.

Terminada a tarefa, as crianças são de novo carregadas para o quarto e colocadas nas camas.

No dia seguinte Gilbert acorda sentindo-se muito mal-humorado. Ao ver Teekka na outra cama, dando sinais de que está acordando, sente muita raiva dela.

– Que é que está acontecendo? – pergunta a si mesmo. – Estou com raiva da Teekka, de tudo... Preciso me controlar.

Teekka acaba de acordar e se levanta, também mal-humorada. Segue até a sala onde encontra Seppo e seu Timoon.

– Seppo! – exclama, surpresa. – Onde é que você estava?

Seppo responde com uma grosseria imprópria dele:

– Aqui... Não está vendo?

Teekka retruca com raiva:

– Olha aqui, ô, seu coisa. Não comece com suas brincadeirinhas, que acabo te enchendo a cara de tapa.

Gilbert, vindo atrás de Teekka, também entra na sala e exclama, surpreso:

– Seppo! Onde é que você andou?

– Eu sei lá... Vê se não enche!

Gilbert está intrigado com a atitude dos irmãos e consigo próprio. Sente que algo está errado, mas fica mais tranquilo, quando vê o enviado de Ashtarih.

– Seu Timoon, que bom que o senhor está aqui! – exclama.

– Bom, coisa nenhuma – resmunga Teekka. – Esse velho some e aparece como se fosse um fantasma.

Gilbert nunca vira a irmã tratar pessoas mais idosas com tanta grosseria e falta de respeito. Está cada vez mais intrigado.

Seu Timoon observa as crianças, suas expressões e reações. Percebe que Gilbert está mais controlado. Olha para ele e em seguida, significativamente, para o mini-micro. Gilbert entende e consulta-o discretamente. Na tela, os dizeres: “Computador - sala ao lado”. Gilbert, como quem não quer nada, dirige-se para a sala ao lado. Ali há um computador. Vai até lá, liga-o e grita:

– Ei, pessoal! Aqui tem um micro.

Os outros também vão para lá, inclusive seu Timoon. Na tela surgem imagens de uma região polar, seguidas de um mapa onde se vê o polo norte, a Noruega, a Suécia e a Finlândia. A parte norte destes países, que fica dentro do círculo polar, está destacada em outra cor, com o nome LAPÔNIA.

Enquanto isso, em outra sala, Ruk Pollus e Faavia observam o grupinho através de um monitor. A garota dirige-se a seu chefe, em tom subserviente:

– Grande Ruk, eu não entendo seu interesse por esse grupo. Essa é apenas uma das dezenas de equipes de Ashtarih.

Sem olhar para ela, Ruk responde com ar de superioridade:

– Eu me interesso por todos eles. Mas algo me diz que esse menino, o Gilbert, pode me ser muito útil... ou perigoso. Eu o quero para mim... ou então...

Completa a ideia com um gesto significativo.

Faavia olha para ele com admiração, perguntando:

– E agora... O que estamos esperando?

– Estou esperando que os chips completem seu efeito. Aí, eles serão meus escravos.

Na sala do computador, os quatro observam imagens da Lapônia. Gilbert pergunta:

– Seu Timoon, não é na Lapônia que tem o sol da meia-noite?

– É sim. No verão o sol fica girando no horizonte e não se põe durante três meses. Já no inverno, é o contrário. São três meses de noite. O sol não aparece.

Tomando ares de contador de histórias, continua:

– Há uma lenda por lá que fala na festa do Sol. Diz que todos os animais do planeta mandam seus representantes para verem o Sol nascer pela primeira vez depois dos três meses de noite polar. Dizem que eles têm um pacto de paz, de não agressão, durante duas horas.

A curiosidade faz as crianças esquecerem um pouco seu mau humor. Gilbert digita: “Lapônia - Festa do sol” e clica em “enter”, enquanto comenta:

– Deixa ver se tem alguma coisa sobre isso.

Na tela surge a imagem de montanhas cobertas de neve.

Um efeito zoom traz a imagem para perto, abrindo-a sobre um enorme platô, ocupado por milhares de animais, dos mais diversos, aguardando em silenciosa expectativa, todos voltados para o nascente. No lado leste, uma gigantesca estátua de gelo representando um leão e, a um canto, um trenó, daqueles fechados. No céu aparecem luzes fantásticas como cortinas luminosas em movimento constante, ou como ondas de fogo entre o horizonte e o zênite. O fenômeno é tão magnífico que nem o mau humor de Teekka consegue resistir.

– Que coisa mais linda! – exclama. – O que é isso?

– É a aurora boreal – explica seu Timoon. – Ela ocorre nas regiões polares, nos períodos em que o Sol tem uma atividade maior. As partículas solares aproximando-se da Terra são desviadas ou atraídas para os polos. Essa luminosidade acontece quando entram em contato com a atmosfera.

– Sabiam que nossos pais já viram a aurora boreal na Finlândia? Foi quando foram conhecer o norte do país. Eles disseram que é maravilhoso.

A imagem mostra o horizonte começando a iluminar-se levemente, em prenúncios dos primeiros clarões do Sol nascente. Seu Timoon, como quem não quer nada, pega no “mouse”, leva a seta até o trenó e clica em cima dele. Ao mesmo tempo, fala intencionalmente:

– Eu prefiro ver o que está acontecendo em Londres.

O zoom traz o trenó para a tela cheia. Tudo começa a rodar, e o grupo entra nesse torvelinho, perdendo noção de lugar.

Quando o torvelinho para, os quatro estão dentro do trenó, daquele que tinham visto no computador. Seu Timoon fala rápido:

– Gilbert, digite no mini-micro: CANAL RUK DEL.

Gilbert fica olhando para ele, sem entender direito. Seu Timoon fala em tom de comando.

– Faça logo! Rápido!

Gilbert obedece, e seu Timoon respira aliviado, exclamando:

– Pronto. Conseguimos escapar ao Ruk Pollus!

– Escapar ao Ruk Pollus? – perguntam os três a uma só voz.

– É... nós estávamos na nave do Ruk.

– Bem que eu estava desconfiado! – diz Gilbert.

Teekka olha furiosa para o irmão.

– Tô cheia de você, Gilbert... com esse seu ar de sabe-tudo.

Seppo também se prepara para dizer algo agressivo, mas seu Timoon não deixa.

– Parem com isso. Eu acho que o Ruk colocou algum chip em vocês.

Os três perguntam em coro:

– Chip?

O enviado de Ashtarih confirma com a cabeça, e as crianças começam a procurar, apalpando-se. Seppo, passando a mão na nuca sente algo estranho. Gilbert vai olhar e com cuidado retira o chip. As crianças se olham espantadas. Seu Timoon ajuda a retirar os chips de Teekka e de Gilbert, enquanto comenta, com alegre sorriso.

– Eles vão nos procurar em Londres.

– E se desconfiarem que viemos para cá? – indaga Teekka,

– Mais cedo ou mais tarde, eles nos encontram. Mas eu estava precisando falar com vocês, sem que eles soubessem.

As crianças estão preocupadas. Começam a tomar consciência dos riscos que correm. Seu Timoon continua:

– O Ruk está de olho especialmente em vocês.

– Em nós? Por quê? – pergunta Gilbert.

– Não sei ao certo, mas ele vai fazer jogo duro.

Seppo e Gilbert olham um para o outro com ar sério. Teekka fala com voz de choro.

– E agora? Eu sabia que ia sobrar pra nós...

– Deixa de ser boba, Teekka – diz Gilbert. – Se não conseguirmos anular o Ruk, vai sobrar para a humanidade inteira... inclusive para nós.

Teekka engole as lágrimas, e seu Timoon continua:

– Vocês precisam manter calma e confiar no Comando Solar.

Um silêncio pesado enche o trenó. As crianças olham umas para as outras, como a buscar apoio mútuo. Por fim Gilbert pergunta:

– O que o Ruk está planejando?

– Parece que ele conseguiu criar uma tecnologia... uma

espécie de atalho entre as realidades virtual e real. Por esse canal ele pretende dominar as mentes e as emoções dos operadores de computador.

Os Virtaset levam um susto. A coisa está ficando feia. Gilbert, recuperando-se do susto, diz:

– Mas, então... se ele conseguir isso... vai poder escravizar todas as pessoas que mexem com computador.

– Isso seria terrível demais! – exclama Teekka.

– Desse jeito o mundo está perdido – completa Seppo.

– Calma – diz seu Timoon. – O Ruk, para ativar esse atalho, precisa dobrar os seus estoques de energia negativa. E para isso ele espera contar com vocês, através de programas de rádio e de TV.

– Mas nós nunca faríamos isso – diz Gilbert, convicto.

Seu Timoon cofia o bigode, sorrindo de leve.

– Se tivessem continuado com os chips...

Seppo passa a mão pela nuca, onde estivera o chip, e fala com ar sério.

– Mas esse Ruk é mesmo muito perigoso.

– Ele é perigoso, sim – confirma seu Timoon. – Mas vocês têm como vencê-lo. Essa, aliás, é a missão de vocês e das outras equipes de Ashtarih.

Os três estão tensos. Suas fisionomias mostram susto, medo e ansiedade. Olham-se novamente e aos poucos vão tomando expressão decidida. Teekka levanta a mão, como num juramento e fala em tom solene.

– Eu não reclamo mais. E vou trabalhar com tudo que puder... com tudo... até ver os projetos desse Ruk Pollus destruídos.

Gilbert também levanta a mão e o tom é solene.

– Para mim, a primeira prioridade da minha vida vai ser essa luta contra Ruk Pollus e seus horríveis projetos... Até que ele seja vencido.

Seppo também levanta a mão e fala sério:

– Para mim também... Até que ele seja vencido.

Cap. 07 – FESTA DO SOL

Mal acabam de falar, ouve-se lá fora um som estranho, como se fossem toques de trombeta. Os primeiros raios do Sol já começam a emitir leves reflexos na cabeça da imensa estátua de gelo, cercada pelos animais. Todos permanecem em silenciosa expectativa e, antes que alguém consiga fazer qualquer comentário, os lábios da estátua parecem mover-se e uma voz grave, como se saísse das entranhas da terra, ressoa naquelas vastidões geladas com ecos estranhos:

– Nobres cavalheiros e belas damas do reino animal, sejam bem-vindos à festa do Sol. Em breve o astro-rei vai mostrar-se a nós por alguns instantes; então, a calota polar irá tremer com a vibração das nossas vozes reunidas, saudando o grande rei da luz e da vida, o Sol.

O platô da montanha estremece com as vozes dos animais, concordando com o que foi dito. A estátua de gelo continua:

– Mas, enquanto aguardamos e conforme rezam nossas tradições, façamos um pensamento fraterno para o rei da criação: o ser humano.

Os ocupantes do trenó estão mais do que espantados. De repente, Teekka dá um pinote.

– Gente, vamos aproveitar essa energia...

– Aproveitar, como?... para quê? – perguntam os outros.

A garota arregala os olhos.

– Vocês não entenderam? São milhares de animais fazendo uma vibração de fraternidade. Vamos multiplicar essa energia. Não é essa a nossa missão?

– É mesmo! – exclama Gilbert. – Energia boa que vai queimar uma parte da energia ruim das reservas do Ruk...

Teekka apanha a pedrinha cor-de-rosa, segurando-a na mão. Seppo coloca a mão sobre a dela, em seguida seu Timoon e por último Gilbert, e todos fecham os olhos para melhor poderem concentrar-se.

A estranha voz da estátua volta a falar:

– Nós, os animais, considerados bichos, feras... já somos capazes de nos reunir numa assembleia fraterna uma vez por ano. Nestas duas horas nenhum de nós faz um mau pensamento a respeito dos outros. Ninguém tem um gesto indelicado. Todos somos atenciosos e afáveis, educados e prestativos. Pergunto-lhes: quando será que o homem, rei da

criação, conseguirá viver um só minuto de fraternidade?... Agora, irmãos, vamos fazer silêncio enquanto aguardamos o primeiro toque dos raios do Sol.

No trenó, os quatro estão tão concentrados que não percebem quando uma escura e cabeluda mão se coloca sobre as deles.

Do horizonte, cor de fogo, os raios do Sol começam a iluminar o platô e os animais que o lotam. Ouve-se de novo a voz, cujos ecos percorrem as montanhas:

– Sol... luz que nos alumia, calor que nos aquece, energia que nos vivifica, sê bem-vindo. Traz tua luz e calor a estas regiões de gelo e penumbra, aquecendo também os corações dos animais... e dos homens.

Ouve-se então, como se fosse num rugir de tempestades, milhares de animais gritando a uma só voz:

– SALVE O SOL!... SALVE O SOL!

Os quatro abrem os olhos, paralisados de espanto. Gilbert esfrega a testa e exclama:

– Nunca pensei que pudesse existir uma coisa...

Não conclui a frase. Fica parado, olhando com olhos esbugalhados a escura e cabeluda mão colocada sobre a sua. Todos os olhares voltam-se para aquela mão, seguindo pelo braço até a cara amigável de um enorme chimpanzé, colocado bem atrás de Gilbert.

Teekka, quase sufocada de medo, tenta abrir a portinhola do trenó. Seu Timoon a impede, dizendo:

– Lá fora, Teekka, pode ser bem mais perigoso. As duas horas de paz podem estar esgotadas.

O chimpanzé, como se entendesse, bate palmas alegremente.

O grupo relaxa, menos Teekka, encolhida num canto o mais longe possível do animal. Gilbert, primeiro com medo, depois mais despreocupado, estende a mão para o macaco, que a segura.

– Bom dia, seu macaco... – diz Gilbert, ainda meio assustado. – Tudo bem?

O chimpanzé faz-lhe um cafuné com a outra mão. Gilbert fica encantado com aquele gesto e trata de fazer as apresentações.

– Eu sou Gilbert... Este aqui é seu Timoon, e estes dois são meus irmãos, Teekka e Seppo.

O animal olha para Teekka, que fala num fio de voz:

– Botem esse bicho para fora! Ele está olhando para mim... eu não confio nele...

– De jeito nenhum! – exclama Gilbert. – Ele é meu amigo... Ele é meu...

Olha para Seppo e seu Timoon como a pedir que concordem. De repente, lembra-se de algo que poderá ajudá-lo. Segura na mão do bicho e diz com ênfase:

– Ele já é do nosso grupo. Não viram? Ele também participou do nosso trabalho há pouco.

Seu Timoon sorri do expediente usado por Gilbert, e diz:

– Por mim... sem problemas.

– Por mim também – concorda Seppo.

– Isso é um complô! – exclama Teekka, – Esse bicho botou a mão sobre as nossas, sem nem saber o que fazia.

Percebendo que havia ganho a parada, Gilbert afirma:

– Pois eu tenho certeza de que ele sabia.

Olha carinhoso para o macaco e diz:

– Vou chamá-lo de Migão... Não é, Migão?

Nesse momento, ouve-se um ruído esquisito, como o bater de asas gigantescas. Seu Timoon olha para fora, dizendo:

– É um pássaro gigante... imenso!

Mal acaba de falar, o trenó é violentamente arrancado do solo, começando a voar, subindo rapidamente.

– Cuidado! – grita o enviado de Ashtarih. – Não abram a porta, senão podemos cair.

As crianças estão assustadas. Migão parece divertir-se, e seu Timoon, sentado junto à janelinha, informa:

– Estamos viajando para o sul. Devemos estar a uns mil metros de altura.

Aquela estranha nave, um trenó propulsionado a águia, vai sobrevoando primeiro as regiões geladas da Lapônia, passando a outras menos frias. Viaja sobre campos, florestas, cidades, mar... Gilbert e Seppo, depois do susto inicial, estão encantados com a aventura. Teekka permanece calada, com os olhos arregalados pelo medo. De repente, lembra-se de algo.

– Por que não pedimos socorro no mini-micro?

– Para pedir socorro, é preciso os três estarem de comum acordo – informa seu Timoon.

– Eu acho que não precisa pedir socorro – diz Seppo.

– Eu também acho – confirma Gilbert.

– Será que vocês só sabem ser do contra? – explode Teekka. – Nós estamos num bruto de um sufoco e vocês não estão nem aí...

Gilbert fica pensativo. Olha para seu Timoon como quem quer perguntar, mas desiste. Seu Timoon sorri embaixo dos bigodes grisalhos.

– Por que não pergunta?

Gilbert, apanhado de surpresa, indaga:

– Será que aquela ação, lá com os animais... valeu?

Seu Timoon responde em tom sério.

– Não lembram do que disse Ashtarih? É claro que valeu... e muito. Aliás, vocês estão fazendo um excelente trabalho.

As crianças sorriem satisfeitas com o elogio. Seu Timoon conclui:

– Por isso o Ruk vai pegar ainda mais pesado com vocês.

Os Virtaset murcham em seu entusiasmo. Um elogio assim é bom, mas acompanhado daquela ameaça de perigo...

Cap. 08 – NO NINHO DA ÁGUIA

A tarde já caminha para o crepúsculo, quando um solavanco deixa o trenó imóvel, enquanto o bater de asas do pássaro vai se distanciando até desaparecer.

Seu Timoon espia pela janelinha.

– Parece que pousamos. É melhor eu ver primeiro, antes de vocês descerem.

Abre a porta do trenó e olha para fora.

– É... acho que estamos no ninho daquele bicho.

Todos desembarcam, inclusive Migão. Estão no topo de um alto penhasco. Teekka fala num gemido:

– E se a águia voltar e quiser... nos jantar?

– Acho mais fácil ela querer nos adotar – brinca Seppo. – Aí a Teekka vai ser filhote de águia... uma aguiazinha sem asas.

Teekka olha para o irmão com os olhos muito arregalados,

mas, antes que diga qualquer coisa, seu Timoon dá uma informação ainda mais assustadora.

– Deve ter cobra por aqui. É bom ter cuidado.

– Não brinque com a gente, seu Timoon – pede a menina, quase em pânico. – Se aqui tem cobra, eu vou embora de qualquer jeito. Eu morro de medo...

– Só se pedir carona para a águia – interrompe Seppo. Acho que vamos acabar mesmo é dividindo o trenó com as cobras.

Teekka está tão apavorada que Gilbert fica com pena.

– É conversa deles, maninha. Não se preocupe que a gente dá um jeito de sair. Aliás, daquele lado ali, acho que dá para descer. O Seppo vai na frente e, se tudo der certo... aí a gente também desce.

Seppo pergunta com ar desconfiado.

– Por que eu na frente?

– Porque você é o menorzinho. E se em vez de um caminhozinho encontrar uma caidazinha... não vai nem se machucar. Então, a gente resolve se desce ou fica aqui.

Seppo, tão acostumado a rir de tudo, não percebe a brincadeira de Gilbert e comenta, magoadado:

– Eu pensei que vocês gostassem mais de mim.

Gilbert lhe dá- um tapinha amigável.

– Estou brincando, seu bobo. Se a gente tiver que dar o “mergulho”, vamos todos juntos... Não somos irmãos?

Seppo sorri, satisfeito. Gosta dos irmãos e de sentir-se amado por eles. Enquanto isso, Migão, como se entendesse, aproxima-se da beira do precipício e, com sua mímica especial, mostra que por ali dá para descer. De fato, se conseguissem uma corda...

– Será que no trenó não tem alguma corda? – pergunta Seppo.

– É mesmo! – exclama Gilbert. – Vamos ver.

Não havia exatamente o que eles queriam, mas, com algumas rédeas de rena, conseguem fabricar uma corda razoável e, dez minutos mais tarde, preparam-se para descer. Teekka, medrosa como sempre, esfrega os olhos, choramingando:

– Não sei o que é pior: ficar aqui em cima com as cobras ou descer por essa cordinha.

– Eu vou primeiro – diz Gilbert. – Vocês vão ver como é moleza.

Mal acaba de falar, ouve-se um ruído como se uma tempestade estivesse se aproximando. Olham e um grito sai de todas as gargantas. A águia gigante está voltando para o ninho. Sem tempo para mais nada, Gilbert começa a descer pela corda improvisada seguido pelos outros. Felizmente alguns arbustos que crescem nas encostas os escondem da águia, que fica voando em torno dos rochedos a sua procura.

O grupo chega embaixo com alguma dificuldade e alguns poucos arranhões, mas o que importa é estar a salvo.

– Arre! – exclama seu Timoon. – Quase que ela nos pega. Escapamos por pouco...

Cap. 09 – NA ALDÉIA DOS ANTROPÓFAGOS

Mas a alegria do grupo logo se transforma em aflição. Como se esperassem por eles, vários nativos surgem do meio das árvores, amarrando-os rapidamente.

– Será que pulamos da frigideira para o fogo? – pergunta Seppo que, até numa circunstância como essa, não perde seu jeito brincalhão.

Três nativos truculentos levantam as crianças carregando-as sobre os ombros, e aquela estranha procissão parte rumo à planície.

Depois de uma caminhada interminável, chegam a uma aldeia onde são recebidos com muita algazarra, num grande pátio. Os aldeões formam uma fila para olhar os recém-chegados bem de perto e tocá-los com as costas das mãos, como se fosse um ritual. Teekka, apavorada, lembrando filmes de antropófagos e caçadores de cabeças, pergunta a seu Timoon, quase sem voz:

– Que será que vão fazer com a gente?

Seu Timoon, apesar de muito preocupado, tenta acalmar a menina:

– Não creio que nos façam mal.

– Talvez só queiram nossas cabeças para enfeitar suas casas – diz Seppo.

– Para com isso, Seppo – ralha Gilbert. – Será que nem mesmo numa situação como esta você consegue deixar de brincar?

– O pior é que não estou brincando. Olha aqueles homens carregando lenha... Acho que é para nos cozinhar.

– Consulte o mini, Gilbert! – exclama de repente, Teekka.

– Já consultei – responde Gilbert, desanimado. – Não acontece nada; a tela está escura. Acho que ele quebrou na descida.

Teekka começa a chorar, mas seu Timoon adverte:

– Segura as lágrimas, Teekka. Pelo que sei, os nativos não gostam de choro. Eles podem ficar zangados.

Teekka engole as lágrimas a muito custo. Seu Timoon lhe segura a mão, tentando acalmá-la.

– Cadê o Migão? – pergunta Gilbert, olhando em todas as direções. – Será que ele se perdeu da gente?... Pobre Migão!

– Pobre? – indaga Seppo, com expressão incrédula. – Ele é muito felizardo. Escapou da sopa.

De repente, ouve-se um som prolongado, como de um instrumento de bambu. Todos os nativos correm, com exceção dos carregadores de lenha e de quatro homens musculosos que fazem guarda com lanças nas mãos.

Gilbert olha em todas as direções avaliando a situação e por fim pergunta:

– E se a gente saísse correndo?

– Seria muito perigoso – responde Seu Timoon. – Vamos esperar. Talvez apareça alguma ocasião melhor.

Minutos mais tarde os habitantes da aldeia começam a voltar, pintados com cores vivas e festivamente vestidos. Os homens que carregavam lenha levantam uma pequena plataforma ao lado de uma fogueira, sobre a qual colocam duas gigantescas panelas com água.

– Eles vão nos cozinhar – geme Teekka,

– Será que eles vão nos cozinhar a fogo lento? – pergunta Gilbert, horrorizado.

– Talvez seja melhor a gente tentar fugir – diz Seppo. – Eu prefiro morrer de lança do que cozido num panelão desses, com sal, cebola e outros temperos. Seria humilhante demais.

– Eu acho que o Seppo tem razão – diz seu Timoon. – Se

vamos morrer mesmo, é melhor tentar a fuga. De repente, podemos ter sorte...

– Eu também acho – concorda Gilbert. – Mas vamos esperar mais um pouco. Talvez eles comecem a beber.

– É mesmo – diz Teekka mais animada com essa possibilidade. – Se eles ficarem bêbados, vai ser mais fácil a gente fugir.

Os quatro lanceiros, como se tivessem entendido, agarram-nos e atiram-nos para dentro de uma espécie de prisão, um cercado feito de bambu, amarrando a porta por fora.

– A coisa está ficando mesmo preta – diz seu Timoon com ar preocupado.

Os nativos estão cada vez mais ágeis. Enquanto alguns vão olhar os prisioneiros, outros trabalham na limpeza e ornamentação do local. De repente, ouvem-se toques de tambor, seguidos de outros instrumentos de percussão. Um grupo de músicos desemboca no pátio e para em frente à plataforma, continuando a batucada. Atrás dos músicos, um grupo de mulheres vistosamente vestidas, sem dúvida, as damas daquela sociedade tão primitiva. Depois das mulheres, entra a comitiva real, acompanhando um casal de monarcas. Todos passam como em procissão diante dos prisioneiros, olhando-os com ar estranho. O rei e a rainha demoram mais tempo, observando-os com muita atenção por entre as grades de bambu.

Seppo diz, num sussurro:

– Acho que estão calculando o nosso peso, para ver o valor da refeição.

A festa tem início assim que os monarcas se instalam em duas poltronas mais parecidas com tronos, sobre a plataforma. Grupos de homens e mulheres começam a dançar diante deles, em estranhos rituais.

A noite vai se aproximando, trazendo em suas sombras a esperança de fuga. Enquanto isso, no pátio, os nativos continuam batucando e dançando.

Os lanceiros haviam trazido um grande barril com bebida, distribuindo para quem quisesse. Alguns já estão meio bêbados, inclusive o casal de monarcas.

O Sol se põe, acenando com as sombras tão esperadas pelo

grupo, mas no outro extremo o horizonte já mostra o esplendor de uma lua nascendo em pleno apogeu. Na praça, as claridades da fogueira não conseguem competir com sua luminosidade, mas dão à noite um toque mágico.

– Acho que a gente deve fugir logo, antes que a lua suba mais – pondera Gilbert.

– Fugir como? – questiona Teekka, – Só se alguém abrir pelo lado de fora.

Mas, antes que surja uma ideia salvadora, um leve grunhido quase arranca um grito de Teekka, Seu Timoon tapa-lhe a boca, dizendo baixinho:

– Olhem, é o Migão.

Os prisioneiros olham pelas frestas dos bambus e veem o chimpanzé acompanhado dos ex-tristes, o alto e o baixo.

Gilbert fica tão feliz que até esquece a terrível situação em que se encontram. Segura a mão do macaco por entre as canas de bambu e exclama:

– Eu sabia que você não ia nos abandonar!

– Fale baixo, Gilbert– recomenda seu Timoon.

O alto faz sinal para que fiquem quietos, enquanto o baixo rodeia o cercado e consegue chegar até o portão e abri-lo, sem dificuldade.

Os prisioneiros saem silenciosamente, conseguindo atravessar o pátio e afastar-se bastante, sem serem notados.

– Foi esse macaco quem nos arrastou até a aldeia – explica o alto.

Gilbert, radiante, abraça Migão.

– Você nos salvou, Migão! Você é grande!

Cap. 10 – MIGÃO FERIDO

De repente, ouve-se grande algazarra pelas bandas da aldeia. Claridades de tochas correm em várias direções, refletindo clarões ameaçadores na galharia das árvores.

– Vamos fugir!... Depressa! – exclamam os ex-tristes.

Seu Timoon pega Teekka pela mão, o alto ajuda Gilbert

que, por sua vez, segura na mão de Migão, e o baixo se encarrega de Seppo. Todos correm como podem sob a claridade do magnífico luar, procurando afastar-se o mais rápido possível daquele horrível lugar.

Eles correm muito, mas os gritos dos perseguidores aproximam-se mais e mais. As crianças empregam todas as energias para tentar escapar e seu Timoon resfolega pelo esforço da corrida.

Os nativos estão cada vez mais perto... tão perto que quase dá para sentir seu hálito de comedores de carne humana.

Algumas flechas passam zunindo, e uma delas atinge Migão nas costas. O alto pega na outra mão do animal, ajudando-o a correr, mas ele cambaleia e acaba caindo. O ex-triste coloca-o nas costas para recomeçar a corrida, mas os nativos já os cercam dando gritos de vitória.

Os fugitivos olham uns para os outros com desalento, assim como quem “entrega o couro às varas”.

O destino parece estar conspirando contra eles, como se os estivesse empurrando para os estômagos famintos daqueles canibais.

Um doloroso suspiro estufa o peito dos ex-tristes e o alto comenta em tom magoado:

– Terminar assim, estupidamente, numa festa de antropófagos... Logo agora que encontramos o grande tesouro da vida, a alegria.

Os nativos, vendo que as presas não têm como fugir, começam um ritual de danças, circulando em torno deles, com gestos e gritos ameaçadores.

As crianças voltam os olhos para baixo, não querendo ver, e percebem que o chão vai tomando uma coloração estranha. Olham para cima e veem surgindo do meio das estrelas um foco de luz em tons de azul-marinho. A luz aproxima-se rapidamente envolvendo o grupo e sugando-o para o alto, deixando os nativos confusos e apavorados.

– Ufa! – exclama seu Timoon, dando um suspiro de alívio.
– Essa foi por pouco.

Aquela estranha luz continua içando o grupo, que logo dá entrada numa enorme nave espacial estacionada a grande altura. O salão onde se encontram é igual à daquela assembleia

comandada por Ashtarih, que aconteceu ainda no começo desta aventura.

O alto e Gilbert colocam Migão sobre um degrau da arquibancada. Com muito cuidado, conseguem retirar a flecha e fazem uma atadura com o cachecol da Teekka.

O estado do animal parece melindroso. Gilbert senta-se a seu lado, alisa seu pelo macio e, com a voz embargada pelas lágrimas, diz:

– Você vai ficar bom, Migão... nós vamos cuidar de você.

O grupo, reunido em torno do chimpanzé, aguarda em aflitiva expectativa. Teekka, desconfiada, pergunta em voz baixa:

– Será que isto aqui é da verdadeira ou da falsa Ashtarih?

– Só esperando para ver – responde seu Timoon. – Mas algo me diz que é da falsa.

Mal acabam de falar, entra Faavia, desta vez sem tentar passar-se por Ashtarih. Traz uma capa longa em tons de vermelho, azul-marinho e dourado, ricamente bordada e na cabeça uma tiara, com pedras preciosas.

Para em frente ao grupo, olhando intencionalmente para as crianças, e fala sem rodeios:

– Eu tenho uma proposta para vocês. Venham, por favor. Só as crianças.

– Nada feito! – exclama Gilbert. – Seu Timoon e Migão vão também.

Faavia pensa por instantes e acaba concordando. Seu Timoon levanta Migão cuidadosamente, e o grupinho segue a garota até outro salão. Numa das pontas, há um grande painel de comando em frente a um enorme globo representando a Terra girando no espaço. Em seu giro ela vai sendo iluminada por um grande foco, que seria o sol. Todos os países aparecem demarcados por linhas, e as grandes potências surgem em cores mais brilhantes e fortes. Na outra ponta da sala, há uma mesa com cadeiras, para onde Faavia conduz os “visitantes”, convidando:

– Sentem-se.

Migão é cuidadosamente colocado num sofá, e o grupo toma assento à mesa. Faavia olha as crianças uma por uma e diz com firmeza e sem rodeios:

– Como vocês sabem, o grande Ruk Pollus está se preparando para governar o mundo. E para consegui-lo... falta pouco.

Faz um gesto largo com a mão abarcando o grande globo e continua:

– Nós vamos fazer deste planeta tudo o que quisermos... Entenderam?

Faavia tenta sorrir para tornar-se simpática, mas está tão acostumada à frieza de sentimentos que só consegue fazer uma careta. Teekka, conseguindo dominar o medo, pergunta com ar ingênuo.

– Se vocês são tão poderosos assim, por que estão querendo nossa ajuda?

Seu Timoon sorri da pergunta inteligente, enquanto Faavia responde:

– É porque precisamos do trabalho de vocês para completar nossas reservas de energia.

Faavia olha intensamente para as crianças, como a passar-lhes um pouco de sua própria ambição e continua:

– Pollus é muito generoso com quem o serve... Muito generoso mesmo.

Fazendo-se insinuante, continua:

– Vocês podem escolher... podem pedir qualquer coisa... riqueza, poder... qualquer coisa mesmo.

– Qualquer coisa mesmo? – pergunta Gilbert.

Pelos olhos de Faavia perpassam reflexos de vitorioso prazer, pois já conta como certa a adesão das crianças.

– Qualquer coisa, Gilbert. É só pedir... Imaginem tudo aquilo que vocês mais possam desejar.

Gilbert olha para Migão e percebe que sua respiração está ofegante. O gorila está mal. Profundamente penalizado, suspira, pensando: “O que eu mais queria agora era ver o meu amigo curado”.

Como se adivinhasse o pensamento de Gilbert, Faavia vai até o animal e toca-o com a ponta do dedo procurando disfarçar o nojo.

– Nós temos meios de tratá-lo. Temos médicos, veterinários... tudo que é preciso. É só vocês se decidirem a nos ajudar...

As crianças estão silenciosas. Faavia pensa que estão avaliando sua oferta. Trata de apelar. Vai até Gilbert e puxa-o pela mão levando-o até Migão.

– Não quer salvar o seu amigo? – pergunta em tom incisivo.

Gilbert ajoelha-se ao lado do macaco, alisa seu pelo macio e fica olhando para ele com olhar distante, como quem consulta a própria consciência... ou pede perdão.

Faavia observa a cena. Não quer dar tempo ao grupo para pensar. Puxa Gilbert delicada, mas firmemente para junto da mesa.

– Vocês, Teekka e Seppo, também podem pedir qualquer coisa que quiserem... O senhor também, seu Timoon.

Fazendo-se mais insinuante, conclui:

– Vamos... peçam!

Os Virtaset trocam um olhar e se entendem. Gilbert volta para junto de Migão, abaixa-se e fica olhando para ele. Duas lágrimas se formam em seus olhos. Abraça o animal, enterra o rosto no pescoço peludo sussurrando um pedido de perdão e volta para junto dos outros. Tem lágrimas nos olhos, mas encara Faavia com serenidade.

– Está bem – diz Gilbert. – Então vamos pedir...

A garota sorri, com ar vitorioso. Gilbert levanta a cabeça, estufa o peito, fixa os olhos nos dela e diz com firmeza:

– Nós queremos que haja paz na Terra; que haja fraternidade, justiça, honestidade e respeito. Que todos os seres humanos tenham direito a uma vida digna e com plena liberdade.

A expressão vitoriosa de Faavia muda rapidamente, enquanto Gilbert conclui, olhando firme para ela e falando com segurança.

– É isso que nós pedimos... e queremos. E é por isso que vamos lutar... nem que para isso tenhamos que dar até a última gota do nosso sangue... sempre.

Faavia não contava com essa reação das crianças. Achava que seria fácil comprá-las. Tem vontade de esganá-las, mas se contém. Fala, procurando abrandar a voz:

– Isso é utopia...

Seppo pergunta, ingenuamente:

– O que é utopia?

Seu Timoon observa que Teekka dá uma leve cutucada em Seppo e Gilbert por baixo da mesa, mostrando-lhes a pedra cor-de-rosa que Ashtarih lhe dera. Percebe que é importante distrair Faavia e ganhar tempo. Sorri sob o bigode grisalho e explica:

– Utopia é um país imaginário do escritor inglês Thomas Morus, que viveu pelo ano 1.500 da nossa era. É um país onde o governo é organizado de maneira a proporcionar ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz...

Faavia interrompe, exclamando:

– O que é absolutamente impossível.

– Eu acho que só é impossível se as pessoas não quiserem – diz calmamente seu Timoon, observando as crianças pelo canto do olho. Percebe que elas estão com as pontas dos dedos encostadas na pedrinha e por suas expressões dá para perceber que estão concentradas em emoções de amor.

Faavia arregala os olhos. Não sabe que sensação estranha é aquela que lhe penetra os sentimentos. Sua expressão se abrandava, e todo o corpo relaxa. Aos poucos um suave sorriso começa a se esboçar em seu rosto.

Mas a porta se abre intempestivamente e entra Ruk Pollus, enraivecido, acompanhado de cinco gigantes, nus da cintura para cima. Outros dois entram arrastando os ex-tristes. Com voz estentórica, grita:

– Levem-nos! Levem-nos depressa! Todos eles! Depressa!

Os homens agarram os “visitantes”, inclusive Migão, e os levam para uma espécie de plataforma de desembarque. A grande nave pousa numa planície onde são largados. Os gigantes retornam rapidamente a bordo, e o estranho aparelho decola, desaparecendo quase em seguida.

A ação foi enérgica e rápida.

Seppo, como não podia deixar de ser, comenta:

– Poxa! Escapamos no limite!

Seu Timoon faz um curativo em Migão, usando umas ervas medicinais que encontrou à beira de um pequeno córrego, comentando:

– Vamos ver se com isto podemos salvar nosso amigo...

Cap. 10 – A LEI MORAL DENTRO DE MIM

Todos estão muito cansados e procuram acomodar-se da melhor forma possível. Felizmente há palha e folhas secas. Gilbert, é claro, está ao lado de Migão.

Seu Timoon, tranquilamente deitado sobre a palha macia, olhando as estrelas que brilham intensamente no céu, fala como se estivesse dizendo a si mesmo:

– Duas coisas me encham a alma de crescente admiração e respeito: o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim.

– Que legal, seu Timoon! – exclama Gilbert. – Não sabia que o senhor era poeta.

– Não, não sou poeta – responde seu Timoon. – Isso foi dito por Immanuel Kant, um filósofo alemão que viveu no século XVIII. Para ele, todas as pessoas sabem o que é certo e errado. Não porque aprenderam, mas porque a lei moral é algo que faz parte da própria razão.

– O que significa isso de “a lei moral dentro de mim”? – pergunta Seppo, com voz de sono.

– Alguns filósofos acham que a consciência é uma parcela de Deus em nós – responde Seu Timoon. – Outros entendem que podemos perceber Deus, como sendo a Grande Lei, a Lei Universal. E como somos seres racionais e vivemos no universo, a nossa consciência guarda reflexos dessa lei. Isto é meio complicado, não é?

Gilbert fica pensativo por instantes. Depois comenta:

– Mas nem sempre a gente sabe se está agindo certo ou errado.

– Há uma regra básica, infalível – esclarece seu Timoon. – É não fazer aos outros o que não gostaríamos que os outros nos fizessem. Essa regra, aliás, está na base de todas as grandes religiões.

Teekka comenta entre dois bocejos:

– A maioria das pessoas faz o contrário...

– Mas não são felizes – afirma seu Timoon. – Quem age contra a própria consciência está violentando a si mesmo.

Gilbert pensa um pouco e diz:

– Eu sou ainda um pré-adolescente, mas já tenho visto muita coisa. Existem pessoas que não têm consciência.

– Todos têm – responde Seu Timoon. – Só que escondem a consciência embaixo de toneladas de ganância, de ódio, de desejos de poder... Quando eu falo em toneladas, é claro que é de forma simbólica.

O alto, dos ex-tristes, entra na conversa, dizendo:

– Essa é uma questão muito complicada. A gente faz coisas erradas sem se preocupar com a consciência, mas, um dia, quando menos espera, ela começa a nos cobrar. Eu conheci um homem, o Jussi, que havia assassinado um fazendeiro para roubar. Depois de algum tempo, ele conheceu uma jovem, apaixonou-se e casou-se com ela. Teve três filhos. A vida para ele estava ótima, mas a consciência começou a cobrar. Passou a ter pesadelos com o homem a quem havia matado, e a coisa foi se complicando tanto que ele sentiu que acabaria enlouquecendo. Que fez então? Contou tudo à esposa, procurou a polícia e se entregou, confessando o crime. Pegou muitos anos de cadeia, mas, como tinha uma conduta exemplar, acabou solto antes do esperado, em liberdade condicional. Pois bem, a primeira coisa que Jussi fez foi procurar a família do homem a quem havia assassinado. A viúva havia vendido a fazenda, pois não sabia lidar com ela, e o dinheiro da venda já estava no fim. Ela e os filhos iam passar muitas necessidades. Jussi passou então a ajudar a família do homem que havia assassinado. Custeou os estudos das crianças; fazia as compras de supermercado para a viúva e assim, depois de muitos anos de lutas para manter as duas famílias, a dele e a da sua vítima, finalmente, quando todos já estavam bem encaminhados na vida, Jussi se deu por satisfeito. Chamou a esposa e disse: “Agora já posso dormir em paz. Minha consciência me deixou tranquilo”.

No dia seguinte, Gilbert acorda com alguém lhe fazendo um cafuné. O dia já está claro, e, recortado sobre o azul do céu, vê a figura de Migão coçando-lhe a cabeça. Olha atônito para o animal e seus olhos vão se enchendo de lágrimas.

– Migão, você está curado! – exclama. Em seguida grita para os demais:

– Gente, o Migão está curado!

Os outros acordam e vão acarinhar o chimpanzé, felizes com sua recuperação. Até Teekka se encoraja a chegar mais

perto. Seu Timoon examina o animal e finalmente diz:

– É... parece que ele está bem...

Cap. 11 – AS ESTÁTUAS DE PEDRA

Minutos mais tarde, os ex-tristes se despedem, seguindo caminho. Seu Timoon, as crianças e Migão partem na direção das montanhas. Duas horas mais tarde, chegam à entrada de uma caverna encravada nas paredes de um “canyon”. Seu Timoon entra, e os outros seguem atrás. Andam um pouco e chegam diante de uma parede com uma porta fechada. Em cima, há uma placa onde se lê: FAÇA UMA BOA AÇÃO E RECEBA UMA GRANDE RECOMPENSA.

Teekka arregala os olhos, Seppo dá uma gargalhada e, apontando o dedo para a irmã, diz em meio às risadas: cara de coruja, qua, qua, qua... cara de coruja...

Teekka se prepara para dar uns cascudos no irmão, mas desiste, e diz:

– Vocês não acham esquisito? Se alguém faz uma boa ação para receber uma recompensa...

– Já **não é** uma boa ação – completa Gilbert.

Todos estão desconfiados... Será que não estão nos domínios de Ruk Pollus?

Finalmente, seu Timoon abre a porta e entram numa sala que mais parece uma loja. Nas paredes há várias prateleiras com objetos ainda dentro das embalagens originais: inúmeros tipos de brinquedos, roupas exóticas, eletrodomésticos, joias...

Os olhos das crianças brilham ao olhá-los e as desconfianças começam a desaparecer.

De repente Gilbert exclama:

– Um som! Olha, Seppo, é daquele que a gente morre de querer... é pequeno mas potente e tem tudo que é recurso...

– O meu patim! – exclama Teekka, segurando um belo modelo de patim nas mãos. – Eu sempre quis ter um desses.

Seu Timoon observa uma pequena bolsa com uma plaquinha onde está escrito: “Bolsa mágica. Contém sete moedas de ouro. Sempre que seu dono tirar uma, surge outra

igual em seu lugar”.

– Arre!!!... Quer dizer que o dono desta bolsa pode ser a pessoa mais rica do mundo – diz seu Timoon para si mesmo.

– É só ir tirando moedas de ouro...

Até Migão apanha um brinquedo, um boneco com cara engraçada.

Nisso, uma porta se abre nos fundos da sala. Os cinco olham desconfiados.

– Se a porta está aberta, acho que é para a gente passar – diz seu Timoon, passando para o outro lado.

As crianças largam os objetos nas prateleiras e o seguem, desembocando numa gruta cheia de estátuas assustadoras. Parecem pessoas petrificadas: homens, mulheres e crianças. Teekka se aproxima para olhá-las mais de perto, dá um grito e corre a abraçar-se com Gilbert, exclamando:

– Essas estátuas parecem gente!

Mas os sustos não ficam por aí. No fundo da gruta, sentado num grande trono de ouro todo cravejado de pedras preciosas, está um homem vestido como um rei, mas com ar muito triste. Tem os pulsos algemados ao trono. Ao ver os visitantes, por seus olhos passa um reflexo de esperança.

– Sejam bem-vindos – diz com entonação ansiosa. – Eu sou o Rei destas montanhas.

As crianças olham-se, assustadas. Seu Timoon apresenta um ar enigmático.

– Aproximem-se, por favor – continua. – Não tenham medo... Não estão vendo que estou algemado?

As crianças e seu Timoon aproximam-se, e Migão vai até o trono para examinar tudo com sua natural curiosidade. O Rei continua, com tristeza na voz:

– Antigamente, todos os dias eu cavalgava ao amanhecer, despertando a natureza... Tudo tinha vida e beleza. As encostas eram cheias de mata, pequenos riachos e magníficas cascatas. Havia muitos animais silvestres, muitos pássaros... tudo era alegria.

As crianças estão impressionadas. Teekka, penalizada, pergunta:

– O que aconteceu?

– O gênio do mal conseguiu me prender aqui. Não posso

mais acordar a natureza ao alvorecer. Vocês devem ter visto que lá fora está tudo morto.

– E não se pode fazer nada? Ninguém pode soltar o senhor? – pergunta Seppo.

– Pode sim. Qualquer pessoa pode. Se vocês quiserem, podem me libertar.

O Rei faz pequena pausa e conclui com indisfarçável ansiedade na voz.

– E podem pedir qualquer coisa como recompensa.

Os olhos de Seppo brilham, ao perguntar:

– Podemos pedir o som?

– Podem sim. Qualquer coisa... até mesmo aquela bolsa mágica.

– Bolsa mágica? – pergunta Teekka, muito curiosa.

– É uma bolsa com sete moedas de ouro – explica o Rei. – Quando seu dono tirar uma, aparece outra no lugar.

As crianças, maravilhadas, retornam correndo à sala dos brinquedos. O rei espera, com expressão terrivelmente ansiosa, pensando: “Será que eles vão cair na armadilha?”

Enquanto isso, no gabinete de comando da nave de Ruk, este e Faavia observam num monitor de TV cada detalhe da cena.

– Eu acho que eles vão cair na armadilha – arrisca Faavia. – A tentação é muito grande.

Faz uma expressão maldosa e conclui:

– Assim ficamos livres deles... Para sempre.

Ruk dá um murro na mesa do monitor e fala com ódio:

– Três míseros fedelhos ganhando batalhas contra Ruk Pollus!!!

Anda um pouco pela sala e esbraveja:

– Mas eles me pagam. Vou transformá-los em brita... e eles vão servir de alicerce para a minha estátua, quando eu for o dono do mundo.

Na sala dos brinquedos, as crianças continuam olhando tudo para melhor poder escolher as recompensas. Mas não estão mais tão entusiasmadas quanto antes. Gilbert externa o pensamento dos três.

– Vocês acham certo a gente pedir recompensa por uma boa ação?

Olham umas para as outras em silêncio, e suas expressões alegres vão murchando. Sem dizer palavra, devolvem os brinquedos às prateleiras. Gilbert tira o boneco das mãos de Migão, dizendo carinhosamente, mas com firmeza:

– Migão, desta vez não vai dar.

Seu Timoon sorri sob o bigode grisalho, acompanhando as crianças de volta à gruta das estátuas. Gilbert, como portavoz do grupo, dirige-se ao Rei.

– Desculpe, seu Rei, mas nós não queremos recompensa. Basta o senhor dizer o que é preciso fazer.

Mal acaba de falar, as algemas abrem-se misteriosamente. O Rei levanta as mãos olhando para elas, quase sem acreditar em tamanha ventura. Quando se convence de que está livre, uma expressão de indizível felicidade vai se espalhando por seu rosto. Volta os olhos para o alto em gesto de gratidão, enquanto duas grossas lágrimas rolam dos seus olhos.

– Até que enfim!... Até que enfim, meu Deus!!! – exclama.
– Eu estou livre... livre!

As crianças estão mais do que espantadas, e seu Timoon sorri abertamente. O Rei levanta-se e desce daquele tronoprisão, movimentando os braços para fazer retornar a circulação. Aproxima-se das crianças, ajoelha-se diante delas dizendo, com lágrimas nos olhos e na voz:

– Obrigado. Muito obrigado. Vocês salvaram mais do que a minha vida. Vocês me deram a liberdade.

– Mas nós não fizemos nada! – exclamam os três ao mesmo tempo.

O Rei, profundamente emocionado, explica com a voz embargada pelos soluços que procura conter:

– Para eu ficar livre, era preciso aparecer alguém “grande” o bastante para não aceitar recompensa pela boa ação.

Seppo, sem entender bem o sentido daquelas palavras, replica:

– Mas nós não somos grandes... somos crianças.

Seu Timoon não consegue conter o riso, que soa estranhamente naquela cena repleta de emoção. O Rei olha para ele, levanta-se e vai abraçá-lo, exclamando:

– Como são inocentes essas crianças! Tão dignas e nobres...

Apontando o dedo para as estátuas, continua:

– Estão vendo? Todas elas são pessoas que aceitaram recompensa para me libertar e foram transformadas em pedra.

Um frêmito de horror perpassa pelo grupo. Os Virtaset, assustadíssimos, ficam algum tempo olhando para aquelas pessoas transformadas em pedra, pensando que agora elas próprias poderiam estar assim. Só seu Timoon permanece sorridente, como se já conhecesse aquele enredo. Finalmente, Gilbert, recuperando-se um pouco do susto, pergunta:

– Quer dizer que, se a gente tivesse aceitado recompensa para libertar o senhor... agora...

– Agora vocês estariam ali, transformados em pedra – completa o Rei.

As crianças estão atônitas, pensando sobre o quanto fora importante terem agido conforme lhes pediam suas consciências.

Antes que alguém possa dizer qualquer coisa, uma suave luz dourada ilumina a gruta e aparece Ashtarih, a verdadeira. Olha em torno, sorri e diz com sua voz encantadora:

– Estou muito feliz de ver que neste planeta existem pessoas boas, pacíficas e honestas. Por isso podemos dizer que há esperança para a Terra.

Aproxima-se das crianças, olha para elas com carinho e continua:

– Vocês vêm cumprindo sua missão com louvor... Parabéns.

E, ante suas expressões de contentamento, Ashtarih conclui:

– Agora vão voltar para casa, para o mundo real.

Gilbert olha para Migão, querendo saber qual será o seu destino. Ashtarih segura na mão do chimpanzé.

– Não se preocupe, Gilbert. Ele vai ficar comigo. Assim que estiver completamente restabelecido, vou devolvê-lo à sua família.

Gilbert abraça o amigo macaco, despedindo-se dele. Teekka está “num pé e noutro” para fazer uma pergunta. Ashtarih antecipa-se:

– Você está querendo saber como está indo nossa luta contra Ruk Pollus. Está indo muito bem... até agora.

Todos percebem que há algo importante. A menina continua:

– Mas ele está furioso. E ele é muito mau, é perverso... não tem escrúpulos. Agora, vai atacar com tudo!...

Ashtarih fica silenciosa por instantes e conclui:

– Estou certa de que o Ruk vai voltar-se especialmente contra vocês três.

– Por que nós? – pergunta Teekka, com medo.

– Porque vocês causaram grandes prejuízos a ele. Vocês trabalharam muito bem e... aquela energia boa que conseguiram canalizar lá na festa dos animais... foi um golpe rude para as suas pretensões. Além disso... vocês o desafiaram.

Seppo pergunta, com ar inocente.

– Desafiamos?

– E dentro de seus próprios domínios – afirma Ashtarih com um sorriso.

Ela continua:

– Já se esqueceram de que vocês se recusaram a trabalhar para ele e ainda fizeram aquela espécie de juramento de que iriam lutar com todas as suas forças pelo bem da humanidade?

Depois de pequeno silêncio, Teekka, com expressão preocupada, pergunta:

– E o que vai acontecer agora?

Ashtarih alisa-lhe o cabelo e diz com convicção:

– O medo, Teekka, é um sentimento negativo. A gente deve ser cuidadoso, precavido, mas não medroso. E deve confiar no Comando Solar. Depois disso... é só usar a inteligência, o amor e a alegria.

Gilbert percebe que a menina ainda tem algo importante a dizer. Pergunta:

– Tem mais alguma coisa?

– Sim... Vocês já sabem que o Ruk está fazendo tudo para aumentar suas reservas de energia negativa. Como vocês sabem, é usando essa energia que ele pretende dominar as mentes das pessoas que utilizam computador.

– Será que ele vai conseguir? – pergunta Gilbert, muito preocupado.

– Só se ele puder dobrar suas reservas de energia má –

responde seu Timoon.

Ashtarih olha para as crianças com ar muito sério, dizendo:

– Imaginem as milhões e milhões de pessoas que lidam com computador... Todas elas com as mentes dominadas, escravizadas por Ruk Pollus, obedecendo cegamente a suas ordens. Seriam milhões de Ruks espalhados no mundo todo, nas empresas, escolas, repartições... dentro dos lares... onde houver um computador.

– Que horror! – exclamam Teekka e Seppo.

– Isto seria terrível demais! – diz Gilbert, horrorizado.

Ashtarih fala pausadamente.

– Isto, se ele conseguir dobrar suas reservas... e é isso que ele vai tentar de todas as formas possíveis e por todos os meios.

Seppo, com ar aflito, pergunta:

– E as outras crianças estão sabendo disso?

– Todas estão sendo convocadas para a grande batalha. É uma batalha em que as armas não são bombas, fuzis ou metralhadoras, mas a mente e a emoção.

Pelo azul dos olhos de Ashtarih passam intensos reflexos dourados. Olha as crianças bem dentro dos olhos, uma por uma, como a lhes passar um pouco do seu poder, da sua força, e diz, pausadamente:

– Nós estamos contando com vocês.

Cap. 12 – FALAR COM AS CRIANÇAS DA TERRA?

Mal acaba de falar, ela e seu Timon desaparecem, como se estivessem numa tela de computador que é fechada.

Os Virtaset olham uns para os outros com ar sério. Seppo é o primeiro a comentar:

– É... eu acho que a briga vai ser feia.

– Vai ser feia... Mas nós temos que vencer – diz Teekka com um inesperado toque de firmeza.

Gilbert, meio admirado com o tom de voz da irmã, exclama:

– É isso aí, mana!

Pensa um pouco e conclui:

– Só que não vamos ficar parados esperando o Ruk nos

atacar.

Teekka, intrigada, pergunta:

– Que é que você está pensando?

Gilbert sorri matreiramente.

– Lembra do que a Faavia disse, sobre falarmos com as crianças da Terra?

Olha em torno, como a certificar-se de que ninguém vai ouvi-lo. Faz uma rodinha com os irmãos e continua a conversa em voz cochichada. Ao término, Seppo dá uns pulinhos de entusiasmo. Teekka está mais cética.

– Acho que você está doido, Gilbert... Isso é impossível!

– É difícil – responde. – Mas já pensou se a gente conseguir? Vai ser um gol e tanto!

Mal termina de falar, os três sentem um suave movimento rotativo, que vai aumentando de intensidade, enquanto um zumbido estranho lhes enche os ouvidos. De repente tudo para e fica silencioso. Olham em torno e percebem que estão novamente em casa. Desligam o computador e vão procurar os pais. Eles já tinham voltado da viagem. Por suas expressões, as crianças percebem que estão sabendo de tudo. Gilbert, como filho mais velho, encarrega-se de contar-lhes as peripécias do grupo, vividas no mundo virtual.

Na segunda-feira, depois da aula, vamos encontrar os Virtaset na portaria de uma emissora de rádio pedindo para falar com o diretor. O porteiro olha-os com ar aborrecido.

– Já disse que não dá. Seu Duarte não tem tempo para conversa fiada.

– Não é conversa fiada – diz Gilbert. – É coisa para dar muita audiência.

– Ele precisa ouvir a gente – insiste Seppo.

Seu Duarte entra casualmente na portaria. Vê as crianças e pergunta:

– Que confusão é essa?

– São essas crianças, seu Duarte – responde o porteiro. – Querem falar com o senhor.

Dá para ver que seu Duarte está de mau humor. Gilbert puxa conversa com ele, para distraí-lo, enquanto Teekka e Seppo utilizam seus instrumentos, ou seja, a pedrinha para dinamizar amorosidade e a canetinha para gerar alegria.

– É que nós queremos fazer um programa de rádio – diz Gilbert.

Seu Duarte olha-o de cima a baixo e diz com desdém:

– Ora, me poupem...

– É um programa infantil – insiste Gilbert. – E o senhor sabe que não tem ninguém melhor que criança para falar com outras crianças.

A cara feia do homem vai se modificando devagar, ficando mais amigável. Olha longamente para os três e decide-se.

– Está bem. Vamos conversar... venham!

As crianças o acompanham pelo corredor até uma porta onde está escrito: DIRETOR. O homem abre-a, e os quatro entram.

– Um programa infantil... – resmunga seu Duarte, sentando-se atrás da escrivaninha. – Que tipo de programa?

– O nome do programa vai ser “Os Mensageiros de Ashtarih” – diz Gilbert– e tem relação com violência e corrupção.

O homem olha espantado para os três e pergunta:

– O que é que crianças como vocês vão saber falar sobre isso?

– Nós não vamos ficar falando sobre a violência ou a corrupção – responde Teekka – porque isso é só o que dá nas TVs, nas rádios e nos jornais todos os dias e o dia todo. Nós achamos que o público precisa ouvir sobre a paz, sobre a honestidade e a fraternidade.

– Ou vocês são loucos, ou gênios – diz Seu Duarte, levantando-se. Anda um pouco pela sala resmungando. Finalmente para em frente aos Virtaset, balança a cabeça e diz:

– Está bem. Eu vou dar um horário para vocês... Só dez minutos, está certo?

As crianças vibram de alegria. Já esperavam por isso porque percebiam que o comando daqueles acontecimentos estava em outras mãos mais elevadas que as deles.

– Quando é que querem começar?

Acertados os detalhes, os Virtaset correm para casa

ansiosos para contar aos pais e começar a roteirizar seu programa.

Cap. 13 – UM PROGRAMA DIFERENTE

No dia seguinte, à hora marcada, lá estão eles na rádio. Nunca tinham entrado num estúdio e estão muito assustados. O relógio na parede mostra que faltam apenas cinco minutos para entrarem no ar. Um frio percorre a barriga de Teekka, e a voz parece engasgada no meio da garganta, formando um nó. Seppo, apesar da constante alegria, está sério e Gilbert silencioso, repassando na mente o que vai dizer.

– Nós somos uns bobos – diz de repente Teekka, recuperando a voz. – Vamos nos concentrar em nossos poderes, buscando calma e inspiração.

– É mesmo. – Dizem os outros.

Os três se concentram e logo suas expressões estão mais leves, relaxadas.

Finalmente o ponteiro do relógio indica que chegou a hora. Ao mesmo tempo, termina a música que estava tocando. O locutor fala:

– E agora, conforme foi noticiado, em nosso programa ALÔ, BRASIL, em rede nacional, vamos ter a presença de três crianças com ideias de adulto. Com vocês... “Os Mensageiros de Ashtarih”.

O operador coloca a vinheta preparada pelas crianças, começando com algumas notas fortes, passando em seguida para uma música suave. Baixa o volume fazendo sinal para Gilbert, que começa a falar:

– Os Mensageiros de Ashtarih estão no ar, caro ouvinte. Somos apenas três crianças, mas representamos milhões de outras em todas as partes do nosso planeta. Eu sou Gilbert e aqui estão meus irmãos, Teekka e Seppo.

– Eu sou Teekka – diz a menina. – Neste programa, nós vamos falar sobre a paz, a justiça, a honestidade e a fraternidade... Por quê? Porque nós não queremos herdar de vocês um mundo tão violento, tão injusto e corrupto quanto este.

– E eu sou o Seppo – diz, por sua vez, o caçula. – Eu

também quero dar o meu recado. Quero dizer que, se as crianças da Terra querem ter um mundo melhor, são os adultos que precisam mudar de comportamento.

Enquanto acontece o programa, Ruk Pollus, em seu gabinete de comando, dá as últimas instruções a quatro homens mal encarados. Faavia também está presente, mexendo num rádio, procurando alguma emissora.

Com seu vozeirão cavernoso, Ruk pergunta:

– Vocês entenderam bem? Eu os quero mortos... todos os três.

Olha com expressão maligna para os homens e conclui:

– Ai de vocês se falharem! Já sabem o que vai lhes acontecer... não sabem?

Os mal encarados vão saindo de fininho, enquanto Faavia chama Ruk, toda alvoroçada:

– Ruk, ouça isto!

Faavia aumenta mais o volume e Ruk, primeiro surpreso, depois furioso, ouve a voz de Gilbert: “Não é preciso falar sobre a violência. Você vê isso na rua, em casa, na TV... em toda parte. E sabe por que as coisas na Terra estão desse jeito? É porque milhões de pessoas curtem a violência. Outros tantos milhões são desonestos e gananciosos... e seus pensamentos e emoções estão criando em torno do nosso planeta uma faixa de energia muito perigosa, chamada Energia Psi Negativa”.

Faavia está rubra de cólera e Ruk parece querer explodir. Os Virtaset continuam falando, um de cada vez. Seppo diz:

– Seja você também um Mensageiro de Ashtarih. Se ligue nessa ideia, embarque nessa canoa, que ela não é furada... Você, mesmo sendo criança, pode ajudar a salvar o mundo, a melhorar nosso planeta, transformá-lo num lugar mais justo e bom para todos.

Passa a palavra a Teekka, que indaga:

– É claro que você está perguntando: “Como? De que maneira?...” É simples: começando a mudar o rumo do pensamento e da adrenalina...

Gilbert complementa, dizendo:

– E aí vão umas sugestões: Quando assistir a um noticiário sobre violência, não entre nessa onda. Pense na paz... na

fraternidade... e envolva os implicados nessa emoção.

Agora é a vez de Seppo, que diz:

– E olha que isso não é nenhum conselho religioso. O seu Timoon, que é um sábio, diz que vivenciar o amor e a paz faz bem à saúde, evita doenças pissi... pissi... como é mesmo o nome, Gilbert?

– Psicossomáticas – ajuda Gilbert.

– Pois é... evita doenças pissi...somáticas.... Bem, o que eu quero dizer é que, se as pessoas não pararem de curtir a violência, se não mudarem o rumo dos pensamentos e das emoções... a vida na Terra vai ficar insuportável... e nós não queremos isso.

Ruk tem um acesso de raiva. Apanha um grande vaso de bronze e o joga furiosamente contra o rádio. Olha em torno e observa que os homens não estão mais no recinto.

– Cadê os homens? – pergunta aos gritos.

– Não sei – responde Faavia, assustada com a fúria do Ruk.

– Acho que saíram...

– Não deixa esses idiotas saírem – ordena Ruk.

– Por quê? – pergunta Faavia, temerosa.

– Não vê que, se essas crianças morrem agora, vão virar heróis?... Vai! Depressa! Chama eles aqui.

Faavia sai, e Ruk resmunga, com expressão de ódio.

– Esses miseráveis não sabem com quem se meteram. Ah, desgraçados... deixa eu botar a mão em vocês!!!

Nesse meio tempo, no estúdio, os Virtaset continuam enviando seu recado a milhares de pessoas por todo o Brasil. Agora é a Teekka quem fala. Ela diz:

– Você gosta de jogos? Tudo bem, mas pense que nos jogos violentos, você vai criando aquela ideia de que agredir e matar é uma coisa comum, simples, sem importância... E isto fica no seu inconsciente, estimulando a violência e destruindo a afetividade. E olha que foi a própria Ashtarih quem nos deu uma aula sobre esse assunto. Se quiser jogar, colega, procure jogos não violentos. Se quiser ver um filme, tem tanto filme bom, sem violência... Outra dica: pense muito na fraternidade; sinta amor pela sua família, seus amigos, seus colegas... porque só o amor, a fraternidade, podem salvar a Terra. É isso aí, colega. Quando tiver muita gente sentindo e

vivenciando a fraternidade, a paz, o respeito e a honestidade, o ambiente da Terra vai mudar... Vai ficar menos agressivo... e aí o nosso planeta estará se transformando num mundo bem melhor do que este. Agora, nós vamos encerrar o programa com uma música suave e o canto de pássaros, para você curtir um pouco de harmonia e imaginar que está no meio da natureza, longe de tudo que possa perturbar a sua paz. Amanhã estaremos de volta neste mesmo horário...

– Até amanhã – diz Teekka, alegremente.

– Se o seu Duarte não nos despedir... – conclui Seppo.

No estúdio soa uma gargalhada pela observação de Seppo. As crianças levantam-se e vão saindo, encontrando seu Duarte, que chega com larguíssimo sorriso.

– Mas que sucesso! O telefone não para de tocar... Tem ligações de toda parte do Brasil.

As crianças estão surpresas. Não esperavam tanto sucesso. Seu Duarte, como bom empresário, quer garantir o filão.

– Eu quero falar com seus pais. Temos que fazer um contrato. Quero vocês aqui, todos os dias... Vamos ali, para a minha sala.

Os Virtaset acompanham seu Duarte contentíssimos. Não é o sucesso em si que os empolga tanto, mas o fato de perceberem a importância do seu esforço como verdadeiros mensageiros da “não violência”, trabalhando sob a direção de Ashtarih e do Comando Solar.

Mas... enquanto festejam seu enorme sucesso, Ruk e Faavia planejam a melhor maneira de se livrar deles.

Cap. 14 – A CRUEL VINGANÇA DE RUK

No dia seguinte, pela manhã, os três brincam na calçada em frente à sua casa, quando um carro encosta junto a eles. Descem dois homens, seguram Seppo e o colocam dentro do veículo, que arranca e sai em disparada. Teekka e Gilbert ficam pasmos.

– Sequestraram o Seppo! – exclama Gilbert. – O que vamos fazer?

– Vamos avisar a mamãe.

– Vamos!

Os dois vão correndo para dentro a fim de contar o que houve, gerando grande alvoroço. Seu Jasse, chamado às pressas, não sabe se deve ligar para a polícia ou esperar um contato dos sequestradores. Dona Amanda, com lágrimas nos olhos, procura segurar a própria aflição para não afligir mais ainda a família. Estão todos junto ao telefone, em grande expectativa.

Os minutos passam lentos como horas. Finalmente, o telefone toca. Seu Jasse pega o fone:

– Alô... Alô...

Ruk Pollus, na outra ponta da linha, diz rudemente:

– Não é com você que eu quero falar, é com o Gilbert.

– Com Gilbert?... Está bem, está bem..., mas, por favor, não machuquem o Seppo... Não machuquem meu filho.

Seu Jasse passa o telefone para Gilbert, que escuta durante uns instantes, prestando atenção. Finalmente diz:

– Eu vou conversar com minha irmã...

Escuta mais um pouco e desliga. A família está toda alvoroçada.

– Onde está o Seppo?... Ele está bem? – pergunta dona Amanda.

– O que foi que ele disse? – quer saber seu Jasse.

– O Ruk Pollus disse que ele está bem... – responde Gilbert, sem conseguir esconder o ar de preocupação.

– Ruk Pollus? Mas essa é uma criatura virtual... – diz seu Jasse, perplexo.

– Pois parece que não é tão virtual assim – comenta Gilbert, pensativo.

– Que é que ele quer? – indaga Teekka, aflita.

– Ele quer que a gente passe para o lado deles. Quer que a gente faça uma retra...

– Retratação – completa seu Jasse.

– É isso... Ele quer que a gente diga no rádio que aquilo tudo que dissemos ontem foi só brincadeira; que as crianças precisam aprender artes marciais; que ninguém pode bancar o palhaço, ser frouxo... tem que bater mesmo, pra valer. Ele disse que a gente tem que estimular a violência, o ódio e a vingança, e fazer propaganda dos filmes de terror e de jogos violentos...

Gilbert suspira, olha de esguelha para os pais e conclui:

– Só assim eles vão soltar o Seppo.

Dona Amanda, desesperada, exclama:

– Meu Deus! Em que vocês foram se meter! É claro que vão atender o pedido dele... não é?

Gilbert e Teekka se olham. Entre eles, ocorre um estranho fenômeno, como se estivessem vendo e ouvindo Ashtarih, quando disse: “Imaginem as milhões e milhões de pessoas que lidam com computador... Todas elas com as mentes dominadas, escravizadas por Ruk Pollus... obedecendo cegamente suas ordens”.

Olham para os pais com dó, mas com firmeza. Gilbert responde:

– Nós não podemos fazer o que eles querem.

Seu Jasse fica pensativo. Dona Amanda revolta-se.

– Como não podem? Não veem que é a vida do seu irmão que está correndo perigo?

Gilbert e Teekka estão numa situação difícilíssima. Qualquer que seja sua decisão... será terrível. Teekka responde com lágrimas nos olhos e a voz estrangulando-se na garganta.

– Nós não podemos ajudar Ruk a dominar a Terra. Se ele conseguir... vai ser pior que o inferno para bilhões de pessoas.

Dona Amanda fica silenciosa. Seus olhos se enchem de lágrimas. Depois de instantes, pergunta:

– O que eles vão fazer com meu filho?

Ninguém responde.

Dona Amanda volta a perguntar:

– Por que o Ruk quer que vocês se retratem e estimulem as crianças a serem agressivas?

Quem responde é Seu Jasse:

– O Ruk acha que, se muitas crianças começarem a vivenciar a violência, a energia que elas gerarem vai ajudar a aumentar as suas reservas de energia agressiva. Pelo que entendi, ele precisa dessa energia para dominar a Terra através das pessoas que lidam com computador. A nossa situação é realmente terrível, mas não podemos colaborar com a escravização da humanidade por esse monstro que é o Ruk.

O silêncio cai sobre o ambiente com seu peso gelado. Dona Amanda abaixa a cabeça para esconder a própria dor.

De repente Gilbert se levanta, dá um murro na mesa como a confirmar sua decisão e exclama:

– Nós vamos vencer essa! Eu sei que vamos!... E vocês, papai e mamãe, vão nos ajudar.

– No que está pensando, Gilbert? – Pergunta Teekka.

– Estou pensando em dizermos no programa... na rádio... tudo o que está acontecendo.

– Será que isso não vai piorar as coisas para o Seppo? – Pergunta dona Amanda, aflita.

– É possível – responde Gilbert lentamente.

– Além disso, poderia gerar pânico – pondera seu Jasse.

– É verdade! – exclama Teekka – Precisamos pensar em outra coisa.

O silêncio volta a ocupar a sala com sua presença aflitiva. Depois de alguns minutos, Teekka dá um pinote, exclamando:

– Eu tenho uma ideia! Vamos nos concentrar... todos nós e, pelo pensamento, ajudar o Seppo.

– Pelo pensamento? – pergunta dona Amanda. – Como é isso?

– Nós aprendemos com seu Timoon – explica Teekka, – Ele garante que o pensamento e a emoção, juntos, representam uma grande força que ele chama de vibração.

– Vamos então, logo, fazer essa vibração para o Seppo! – exclama dona Amanda.

– É isso mesmo – concordam todos.

Todos juntos enviam vibrações de energia e de serenidade ao caçula, pedindo mentalmente ao Criador de todas as coisas para que proteja o garoto.

Enquanto isso, num apartamento, no terceiro andar de um edifício de luxo, que dá para uma praça, Seppo, amordaçado e amarrado a uma cadeira, é vigiado por dois grandalhões, cheios de músculos e pouco cérebro. A janela aberta deixa entrar ruídos de fora.

Seppo fecha os olhos por instantes, procurando acalmar-se. Lembra-se, de repente, de um exercício respiratório para relaxar, que sua mãe lhe havia ensinado, quando ia fazer uma prova difícil.

Como era mesmo? Inspirar calma e profundamente, segurar os pulmões cheios por instantes, soltar lentamente o

ar até o fim, segurar um pouco os pulmões vazios e inspirar novamente. Tudo isso sempre acompanhado de uma ordem mental para relaxar.

Sem mais delongas, inicia o exercício.

Lá pela quarta respiração, começa a perceber vagamente que, de algum lugar, lhe chega apoio, ajuda, em alguma forma que não consegue explicar. Sente-se mais sereno, tranquilo, e o pensamento flui com clareza, permitindo elaborar um plano.

De repente dá um gemido... em seguida outro, contorcendo-se um pouco. Os vigias olham um para o outro. Um deles levanta e se aproxima.

– Que é, moleque? Tá com dor de barriga, é?

Seppo tenta falar, mas a mordaca não deixa. O homem retira a mordaca enquanto vai dizendo:

– Olha, aqui, ô... Zezinho! Se gritar, vai levar uma chapuletada, que vai te deixar com o nariz torto.

– Eu não vou gritar, não... Eu tô com dor de barriga – diz o menino, num gemido.

– Tá bom... Te levo no banheiro, mas a porta fica aberta. Nada de gracinhas, entendeu?

O grandalhão desamarra Seppo e o acompanha ao banheiro. Ao voltar, o garoto fala tranquilamente, como quem não quer nada.

– Não precisa vocês me amarrarem. Eu sou criança... que é eu posso fazer de mal a vocês?

Os dois se olham, sentindo seu orgulho ferido. Um deles diz:

– A ordem do chefe é deixar o pivete amarrado e amordaçado.

Seppo fala com ar inocente, mas com leve timbre de sarcasmo.

– Até parece que vocês estão com medo de mim.

Os grandalhões ficam incomodados com essa ideia. Seppo continua olhando para eles com o ar mais inocente do mundo.

Um deles, coçando a orelha, diz:

– É... Até parece que a gente está com medo dele.

Olham-se, pensam por instantes e decidem:

– Tá bom, moleque... Mas nada de gracinhas!

Cap. 15 – SAIR VOANDO?

Enquanto isso, embaixo, na praça, um homem igualzinho a seu Timoon acaba de discar um número num orelhão. Quando atendem, pergunta:

– É do Corpo de Bombeiros?

Em cima, no apartamento, Seppo concentra-se discretamente, e a canetinha aparece em sua mão. Segura-a com firmeza e continua concentrado. Sua cara vai ficando engraçada... muito engraçada. Olha para os dois homens, e eles começam a rir. Faz algumas expressões mais engraçadas ainda. Os homens riem cada vez mais, até se contorcerem e perderem o fôlego de tanto riso. O garoto pula da cadeira e sai correndo para a porta. A chave está na fechadura e ele a abre saindo para o *hall*. A porta que dá para a escada está trancada.

Os grandalhões, ainda tentando parar o riso, saem no seu encaixo, e ele se esconde ao lado da porta. Quando eles passam, coloca-se às costas de um deles, bem pertinho. O outro diz:

– Você procura no apartamento. Ele pode ter se escondido lá. Eu vou ver se pegou o elevador.

Seppo volta para dentro, sempre às costas do homem. Quando ele entra num dos quartos, o garoto corre silenciosamente para outro e sobe no batente da janela. Olha para baixo, e um arrepio lhe percorre a espinha. O apartamento fica no terceiro andar. Se cair...

O grandalhão, vasculhando tudo, aproxima-se do quarto onde ele está. Vai já encontrá-lo. Não há outro jeito. Procurando não olhar para baixo, Seppo vai descendo o corpo para fora até seu pé alcançar uma pequena marquise, da largura de uns trinta centímetros, que circunda o prédio. Com muito cuidado, vai se afastando da janela. Aos poucos, chega ao canto do prédio e consegue circundá-lo chegando até outra janela. Está fechada.

– E agora? – pergunta a si mesmo. – Quando eu cansar e não conseguir mais me segurar...

A situação é crítica, e o medo começa a querer dominá-lo.

De repente, lembra-se da canetinha! Concentra-se, e ela reaparece em sua mão. Segurando-a com força, diz mentalmente:

– Energia... estou precisando de energia... muita energia...

O cansaço passa rapidamente, e uma gostosa onda de energia circula por seu corpo. Lá dentro, os homens gritam enfurecidos.

– Onde é que esse pivete se meteu? Será que não escapou pela janela?

– Ficou doido, é?

– De qualquer forma, eu vou olhar.

Seppo ouve o sujeito abrindo a janela e, em seguida, sua risada irônica.

– Olha só o passarinho... Que gracinha!

O outro também chega à janela e estende as mãos para agarrá-lo.

– Venha cá, passarinho... venha cá... Ou quer sair voando?

Seppo olha as caras irônicas dos dois homens estendendo as mãos para pegá-lo. Com muito cuidado, olha para baixo e observa que os bombeiros estão trazendo uma rede. Dá uma alegre risada para os dois e diz com ar inocente:

– Sair voando? Até que é uma boa ideia.

Continua olhando os homens com ar de zombaria. Com o canto do olho, percebe que a rede já está bem embaixo. Um dos grandalhões passa a perna para fora da janela, estendendo a mão em sua direção. Quando sua manopla já vai alcançá-lo, dá uma risada e pula, caindo na rede sem maiores problemas. Os dois homens ficam de boca aberta, olhando um para o outro, sem saber o que dizer.

Quem estende a mão para tirar o garoto da rede é o mesmo homem que chamou os bombeiros.

– Seu Timoon! – exclama Seppo, feliz com o reencontro.

O homem ri, um riso irônico, e fala como se nunca tivesse ouvido esse nome.

– Timoon?... É um nome interessante.

– Mas o senhor não é virtual? Como é que pode estar aqui?

O oficial que está no comando dos bombeiros se aproxima, perguntando:

– Que foi que aconteceu?

– Ele foi sequestrado – responde o homem parecido com seu Timoon.

Olham para cima. Os grandalhões ainda estão na janela, pasmos, com uma tremenda cara de idiotas. Ao perceberem que foram vistos, entram rapidamente, dispostos a fugir. O oficial parte para tomar providências.

Seppo olha para seu Timoon, como quem diz: “O senhor não me engana”.

Minutos mais tarde, o garoto é deixado em casa, para alívio e alegria da família.

Enquanto isso, em sua nave, Ruk, furioso, dá tiros no ar, chuta objetos, quebra outros. Aos poucos, vai se acalmado. Por sua expressão, dá para perceber que está tramando algo importante. De repente, toca uma sineta, chamando seus asseclas.

Cap. 16 – OS PAIS NO IML?

No dia seguinte, vamos reencontrar as crianças no estúdio da rádio, já no final do programa. O operador coloca uma música suave, muito bonita, tocada no violão e com o som das ondas do mar quebrando nos rochedos e com os gritos das gaivotas. Teekka fecha os olhos, concentrada. Em sua mão, aparece a pedrinha cor-de-rosa. Fala com voz serena:

– Querido ouvinte, a nossa humanidade está precisando muito de amor. Por isso estamos pedindo a sua colaboração. Durante esta música, vamos concentrar o pensamento no amor... não só pensar, mas sentir amor, carinho, bem-querer pelos nossos familiares, nossos vizinhos... pelos conhecidos... e também pelos desconhecidos... Vamos amar a natureza... a Terra que nos abriga...

Enquanto Teekka fala, um raio de luz cor-de-rosa circula em torno dela, penetra no microfone e se irradia através das antenas da emissora. Gilbert e Seppo observam o fenômeno e percebem que o locutor e o operador não viram a luz, mas, por suas expressões, dá para perceber que estão tentando sentir amor, conforme a indução feita por Teekka, reforçada pela música.

Quinze minutos mais tarde, os Virtaset chegam em casa,

cheios de alegria por estar contribuindo efetivamente na luta contra Ruk Pollus e suas intenções maléficas. Estranham encontrar a porta aberta. Entram, chamando pela mãe, mas tudo está silencioso. Não há ninguém em casa. Vão até o computador e o encontram ligado. Na tela, a figura de Ruk com um sorriso sarcástico, apontando o dedo para um desenho da tecla “enter”. Gilbert clica sobre o desenho, e a tela muda, aparecendo a imagem de seu Jasse e dona Amanda congelados, dentro de gavetões ou esquifes. Os três gritam apavorados, e o computador desliga-se sozinho.

As crianças olham umas para as outras, fazendo um grande esforço para segurar as lágrimas. Não podem perder o equilíbrio.

– O que vamos fazer agora? – pergunta Seppo.

Gilbert pensa um pouco.

– Vamos telefonar para o papai.

Liga para o trabalho do pai, onde lhe dizem que ele não foi trabalhar. Essa informação cai sobre eles com peso de ameaça. E agora?

De repente, Gilbert toma uma decisão. Fala, meio engasgado.

– Vamos ao IML.

Seppo, não muito consciente do que isto pode significar, pergunta:

– Vamos fazer o que no IML?

– Ver se eles... não estão lá – responde Gilbert, a muito custo.

Teekka, com a fala entrecortada, exclama:

– Você está louco, Gilbert! Não diga uma coisa dessas... nem brincando.

Gilbert, mesmo com muita pena da irmã, não vê outra solução a não ser enfrentar a realidade, seja ela qual for. Respira fundo e fala com carinho, mas com firmeza:

– Nós vimos eles num gavetão... congelados... é como acontece no IML. A gente tem que ir...

– Eu não vou – diz Teekka num fio de voz. – Não tenho coragem.

– Teekka... tem que ser os três – diz Gilbert carinhoso, mas firme. E vendo o estado de angústia da irmã, percebe que

precisa agir com mais cautela. Procura imaginar como seu pai agiria numa situação daquelas e fala de forma descontraída:

– É claro que eles não estão lá, maninha! Fique tranquila!... Mas, de qualquer forma, a gente tem que checar... por descargo de consciência, entende?

Teekka acalma-se um pouco, e os três saem de casa trancando a porta com cuidado.

Chegam ao IML angustiados. O funcionário que os atende não demonstra o menor respeito ao lidar com uma questão tão delicada quanto aquela. Sua atitude com as crianças é fria e até irônica, mas felizmente os pais não estavam lá.

Aliviados, os três se abraçam chorando e rindo ao mesmo tempo.

De repente, Teekka pergunta:

– Será que eles já não estão em casa?

Os três se olham com expressão de esperança e partem correndo. Chegam em casa esbaforidas, transitando entre a aflição e a esperança.

– Mamãe! Papai!

– Manhê... Cadê você?

– Mãezinhaaaa...

Conforme percorrem a casa, suas expressões vão ficando desalentadas. Não há qualquer sinal dos pais. Como se fosse de comum acordo, dirigem-se para a sala do computador e o encontram ligado. Na tela novamente aparece a imagem de seus pais congelados. Teekka dá um grito e cobre os olhos com a mão. Fica assim por instantes e vai tirando-a devagar.

– Gilbert... Seppo! – exclama. – Olhem isso!... Isso aí não é um gavetão do IML. É diferente.

– É mesmo... Parece mais uma daquelas urnas de congelar... – confirma Gilbert.

– Como aquelas experiências científicas? – pergunta Seppo. Os três olham-se desarvorados.

– Então o Ruk congelou nossos pais! – exclama Teekka.

Mal acaba de falar, aparece na tela a imagem de Ruk, rindo de forma desagradável.

– Vocês acertaram. Seus pais estão em meu poder... geladinhos, geladinhos...

Ri de novo e continua:

– Agora... quanto a salvá-los... é até bem fácil.

No auge da aflição, Teekka pergunta:

– O que precisamos fazer?

Ruk vira-se um pouco e mostra, num painel a seu lado, dois tubos verticais paralelos, como se fossem termômetros, com marcadores luminosos.

– Olhem para isto – diz Ruk. – Este tubo aqui, o da luz azul, é o controle das urnas em que estão seus pais, e este outro, da luz vermelha, mede o potencial de energia das minhas reservas.

As crianças observam que o marcador de luz azul está na ponta superior do tubo e a vermelha, abaixo da metade. Ruk continua:

– Seus pais só serão soltos quando a vermelha chegar à mesma altura da azul. Entenderam? Isto vai acontecer de forma inteiramente automática. Por isso não contem com nenhum truque. Nem mesmo a própria Faavia poderá ajudar vocês se de repente tiver um surto de fraqueza sentimental.

Sorri com ironia e diz:

– Deu para perceber que vocês são os responsáveis pela vida de seus pais?... Quero ver se agora vocês não vão me obedecer e fazer o que mandei...

E, mostrando no rosto uma expressão de ódio, Ruk conclui:

– Vocês sabem o que devem fazer, não sabem? Usem o seu programa de rádio. Digam que estavam enganados; que o mundo é realmente mau e quem quer sobreviver tem que entrar nessa onda. Tem que ser mais forte e mais sem escrúpulos do que os outros, se não quiser ser engolido. Façam as crianças ficarem revoltadas, odiarem a família, o governo, a sociedade, as religiões... Façam propaganda de jogos violentos...

Ruk faz pequena pausa e fala com teatralidade, mostrando o tubo da luz vermelha:

– Só quando essa energia do mal crescer e chegar aqui em cima... seus pais vão ficar livres.

Observa um pouco as reações das crianças e pergunta:

– E então?... Vocês vão salvar seus pais?... ou vão deixar que eles morram aí... congelados... como se fossem dois

picolés?

Teekka, com os olhos cheios de lágrimas, faz menção de que vai falar, mas Gilbert coloca a mão sobre sua boca e diz com dificuldade:

– Nós vamos pensar.

– Está bem, diz Ruk. Vou dar um prazo a vocês... Duas horas. Nenhum minuto a mais. Daqui a duas horas, quero a resposta.

Cala-se por instantes para que as crianças pudessem assimilar bem sua ameaça e conclui:

– Pensem bem. A vida de seus pais está em suas mãos.

Cap. 17 – A BATALHA É DE TODOS

A tela fica preta, e o computador desliga-se sozinho. As crianças estão no auge da aflição, mas sabem que não podem entregar-se. Precisam manter calma e serenidade para melhor poderem refletir e decidir o que fazer.

De repente, Gilbert tem uma ideia. Mentaliza o mini-micro, e este surge em seu pulso. Ele tecla SOS. Seppo não entende.

– O que significa SOS?

– É um pedido de socorro – esclarece. – Ashtarih vai ter que nos ajudar desta vez.

No monitor aparecem os dizeres: “Chamem dentro de 20 minutos”.

O tempo passa com a lentidão das horas de aflição. Na sala do computador, os três olham ansiosos para o relógio. Para quebrar um pouco aquele silêncio que pesa sobre eles, Teekka pergunta:

– Por que será que a Ashtarih mandou chamar só depois de vinte minutos?

– Não faço a menor ideia – responde Gilbert.

A conversa não continua. As palavras parecem estar engasgadas nas gargantas.

Finalmente os ponteiros do relógio mostram que é hora de fazer novo contato com Ashtarih. Gilbert concentra-se novamente e o mini-micro surge em seu pulso. Ele tecla a palavra “contato” e dá “enter”.

Na telinha, forma-se um rodaminho que vai crescendo,

extrapolando as dimensões do aparelho. Fica mais e mais forte, ocupando toda a sala. As crianças são sugadas por ele e, quando reabrem os olhos, estão novamente no grande salão de seu primeiro encontro com Ashtarih. Os camarotes estão também ocupados pelas crianças como da primeira vez. Altofalantes reproduzem canto de pássaros sobre o som das águas de uma cachoeira. Os Virtaset acalmam-se, pouco a pouco.

De repente, a música para e no meio do tablado, todo enfeitado de flores, surge Ashtarih. Corre os olhos pelos camarotes e fala com entonação muito séria:

– Estamos chegando ao ponto mais crítico desta missão. Ruk Pollus está jogando com tudo... é uma luta de vida ou morte.

Um frêmito percorre a assembleia.

– Ele sequestrou nossos pais – informa Teekka, sem poder esperar mais.

– Eles estão congelados – arremata Seppo.

– Nós estamos sabendo de tudo – responde a menina. – Foi também por isso que convocamos esta assembleia.

Faz pequena pausa e continua:

– Nós precisamos salvar os pais de vocês..., mas também precisamos salvar a Terra.

Novo frêmito perpassa o grande salão.

Seppo levanta a mão e Ashtarih faz sinal para que fale. A voz tem tons de choro, mas denota firmeza.

– Eu acho que meus pais não gostariam de voltar à vida para encontrar a Terra dominada pelo Ruk.

– Eu também... acho – diz Teekka, com dificuldade. – Eles iam preferir... continuar como mortos.

– Concordo – diz Ashtarih. – E acho que todos vocês estão conscientes da seriedade deste momento... e de que não há outra saída: ou vencemos o Ruk ou ele vai escravizar toda a humanidade, implantando o terror no mundo.

Um calafrio corre pelas costas de todas as crianças, mas, apesar de assustadas, mostram em suas feições que estão dispostas a lutar com todas as forças para salvar a Terra.

Ashtarih corre um longo e penetrante olhar pelos camarotes. Finalmente, diz em tom solene:

– Estou vendo que posso contar com vocês.

As crianças respondem em coro, levantando as mãos.

– Podem contar com a gente!

– Muito bem – diz Ashtarih.

E após instantes de silêncio, como quem procura as palavras certas, continua:

– Todos vocês sabem que o Ruk pretende dominar a Terra, através das mentes das pessoas que operam computadores. Se ele conseguir, este planeta vai se transformar num pavoroso cativeiro. Mas, para isso, ele precisa aumentar suas reservas de Energia do Mal. Os Virtaset estão fazendo um programa de paz e fraternidade numa rádio em rede nacional no Brasil e com algumas emissoras no exterior que transmitem em língua portuguesa, e estão tendo grande audiência. Isto está prejudicando muito as pretensões do Ruk. Foi por isso que ele aprisionou seus pais. Ele acha que as crianças vão atender seu ultimato e usar esse recurso do rádio a favor dele.

Faz pequena pausa e continua:

– Pois bem. Esta batalha não é só dos Virtaset. É de todos nós. Vocês não acham?

As crianças gritam em coro novamente:

– Podem contar com a gente!

– Muito bem. Vamos então traçar os planos para a batalha. Mas, antes, uma observação. O Ruk não pode desconfiar de nada. Por isso ninguém deve falar sobre o assunto, fora daqui.

Cap. 17 – CRIANÇAS X RUL POLLUS

Então, na hora aprazada, vamos encontrar novamente os Virtaset em frente ao computador: Teekka no meio, Seppo à sua direita e Gilbert à esquerda. Estão apreensivas e ansiosas. Será que o plano vai dar certo? E se não der?

Após alguns minutos de expectativa que lhes parecem uma eternidade, surge na tela a imagem de Ruk.

Teekka segura nas mãos, embaixo da mesa, a pedrinha cor-de-rosa. Gilbert coloca sua mão em cima e Seppo também. Várias crianças entram na sala por trás do computador de forma que Ruk não possa vê-las, trazendo também pedrinhas idênticas à de Teekka, que colocam sobre a mesa em torno do

computador. Ruk nada percebe e pergunta com ar irônico:

– E então, crianças... Já tiveram tempo de sentir saudade de seus pais?

– Como é que eles estão? – pergunta Gilbert, para ganhar tempo.

Enquanto Gilbert conversa com Ruk, as crianças se colocam em semicírculo, sempre atrás do computador. Dão-se as mãos e, nas pontas, seguram na mão de Gilbert por um lado e, pelo outro, na de Seppo. Todas se concentram, e suas fisionomias começam a expressar serenidade e amor.

Ruk, sem perceber a armadilha, continua falando com Gilbert, mas logo começa a dar demonstrações de mal-estar, falando com certa dificuldade:

– Não mandaram lembranças porque estão lindamente congelados... Mas... se vocês me obedecerem... vão tê-los de volta... intei... inteirinhos... e descon... descon...gelados.

Gilbert sente-se mais aliviado ao observar que Ruk está perdendo força e, continua:

– Tem uma coisa que nós gostaríamos muito que você explicasse.

– O... o que... o que é? – pergunta Ruk com dificuldade.

– Você sente prazer em ser mau?

– Eu?... pra... prazer?

– É, Ruk. Você sente prazer em ver pessoas sofrendo?

Finalmente Ruk percebe que caiu numa armadilha. Seus olhos ficam esbugalhados, cheios de pavor. Pela primeira vez, sente medo. Faz um esforço gigantesco para fugir, mas não consegue. Fala a muito custo.

– Eu... não... que... quero... mo...mo...morrer...

Gilbert, muito impressionado, diz com tom de piedade na voz:

– Pois é, Ruk. Se você tivesse aproveitado essa sua inteligência para ajudar a humanidade, hein? Imagine como seria diferente... Você não estaria morrendo agora. Mesmo que tivesse chegado a sua hora, Ruk, você estaria morrendo cercado de pessoas amigas. E estaria contente por ter sido uma boa presença aqui na Terra. Iria partir, deixando saudades.

O gênio do mal tenta falar, mas só sai um ronco surdo de

sua garganta. A expressão é de extremo desespero.

– Deu para ver que não vale a pena correr atrás do poder? Que não vale a pena ser mau? – pergunta Gilbert.

A imagem de Ruk afasta-se em efeito “zoom”, mostrando outras crianças no mundo virtual, atrás dele, em semicírculo, conduzidas pela própria Ashtarih.

Gilbert pensa em como aquele momento é importante, único. Crianças no mundo virtual e no real estão juntando seus esforços para salvar a humanidade, e o mais interessante é que toda essa ação, essa extraordinária missão realizada de forma tão magnífica não seria divulgada pela mídia... ninguém saberia, a não ser eles próprios e alguns dos seus pais. Mas isso não tem muita importância. O que vale mesmo é a consciência do dever bem cumprido e de saber que está ajudando a salvar a Terra.

No mundo virtual, as crianças colocam suas pedrinhas no chão em torno de Ruk, que já começa a se desintegrar. Ashtarih circula em torno dele observando-o detalhadamente. Vê seu olhar cheio de ódio e desespero, em profundo contraste com as expressões das crianças, cheias de serenidade e de amor. Dirigindo-se à garotada no mundo virtual e no real, orienta:

– Vamos continuar nossa mentalização até que ele se desintegre inteiramente.

No mundo real, as crianças que estavam na sala, fora das vistas de Ruk, passam para a frente do micro e presenciam, através do monitor, o final da sua desintegração. Olham umas para as outras atônitas. Na tela do monitor, Ashtarih aproxima-se até ficar em *close*.

– Não percam a concentração – recomenda. – Fiquem calmos, haja o que houver. Vamos precisar dessa base de apoio... A Faavia já está chegando.

– E nossos pais? – pergunta Teekka,

– Não se preocupem que vamos chegar lá – responde a menina tranquilamente e continua:

– Agora precisamos de serenidade, confiança e, principalmente, de muito amor.

No mundo virtual, as crianças escondem-se. Faavia entra e estremece ao ver Ashtarih. Sua expressão de susto

transforma-se rapidamente em ódio. Traz uma capa longa, preta, ricamente bordada com tons de vermelho e azulão e, na cabeça, uma tiara.

– Ah... Até que enfim te vejo cara a cara, sua covarde...

Ashtarih permanece impassível. Em seu rosto, há apenas uma leve expressão de piedade. Fala com firmeza:

– A tua carreira de maldades, Faavia, chegou ao fim.

As crianças, concentradas em sentimentos de amor, vão colocando-se atrás dela, em semicírculo, segurando suas pedrinhas cor-de-rosa.

– É mesmo? – pergunta Faavia com ironia e continua:

– Pensa que eu tenho medo desses seus truques? Era só o que faltava!

– Ruk era mais inteligente que você – responde Ashtarih. – Ele não tinha medo, mas, mesmo assim...

Faavia olha em volta, desconfiada. Por fim pergunta:

– Cadê o Ruk?

– Não existe mais – responde tranquilamente Ashtarih. – Desintegrou-se... E a energia de que era feito foi absorvida pelos reinos da natureza.

Faavia fica horrivelmente assustada. Percebe que Ashtarih está dizendo a verdade, mas não dá o braço a torcer. Levantando orgulhosamente a cabeça, pergunta:

– Você esquece que eu tenho um trunfo? O casal Virtanen está em meu poder.

– Não queremos um confronto com você, Faavia – diz Ashtarih com carinho.

– O quê? – pergunta espantada.

Ashtarih continua falando com carinho, mas com segurança.

– É isso mesmo... Nós só queremos que você recupere seu verdadeiro modo de ser, como era antes do Ruk aparecer.

Faavia estremece. Percebe-se que ela está sob o efeito das vibrações de amor que lhe são dirigidas pelas crianças. Ashtarih aproxima-se mais, até quase tocá-la, e diz com emoção e ternura:

– Lembra, maninha?

Faavia estremece mais fortemente. É como se algo quebrasse dentro dela. Por sua expressão, passa o grande

conflito que lhe vai na alma. Aos poucos, vai baixando a cabeça e começa a chorar. Ashtarih abre os braços e Faavia atira-se a eles, abraçando a irmã e chorando copiosamente.

– Chora, maninha. Vai lhe fazer bem. As lágrimas vão liberar um pouco dessa energia negativa que você acumulou.

Com a voz entrecortada pelo pranto, Faavia desabafa:

– Que loucura!... Minha vida é uma porcaria. Eu não valho nada, Ashtarih!

– Claro que vale, maninha. Você apenas se deixou seduzir pelo poder.

– É verdade.

Reflete um pouco e suspira, dizendo:

– Ah, se eu pudesse começar tudo outra vez...

Ashtarih afasta um pouco a irmã, levanta-lhe o rosto e diz com segurança:

– É só você querer.

Faavia ergue os olhos num misto de esperança e desespero.

– Eu vou te ajudar, maninha – promete Ashtarih.

E, correndo os olhos pelas crianças, conclui:

– E elas também... Tenho certeza.

As crianças aproximam-se, ainda espantadas com o ocorrido. Uma delas segura na mão de Faavia, dizendo:

– Se eu puder ajudar... Pode contar comigo.

As outras crianças também se manifestam:

– Comigo também...

– Pode contar com a gente.

Faavia baixa os olhos, envergonhada de suas anteriores atitudes. Também está profundamente emocionada. As crianças afastam-se um pouco e Ashtarih, de forma intencional, retira a tiara da cabeça da irmã, deixando o objeto cair no chão. Em seguida, retira-lhe com ambas as mãos a capa, como se fora num ritual, deixando-a também cair no chão. Todos entendem o significado desse gesto, indicando que Faavia está abandonando suas pretensões de poder, assentadas na maldade, e assumindo a postura de um ser humano em busca de se corrigir dos seus erros.

As crianças têm os olhos marejados de lágrimas, Ashtarih também. Olha para elas e sorri... Era um sorriso de gratidão. Abraça a irmã, dá meia-volta e a conduz para fora. Ao saírem,

vão pisando, sem perceber, a capa e a tiara que representavam o poder de Faavia... um poder dirigido para o mal, mas vencido pelo bem, pelo amor.

No mundo real, os Virtaset e as outras crianças acompanham tudo pelo monitor do micro. Estão muito emocionados, com os olhos molhados de lágrimas.

De repente, a tela fica escura. Gilbert tenta teclar, mexe no mouse, e nada acontece.

– Será que ela se esqueceu dos nossos pais? – pergunta Teekka.

– Não pode ser – responde Gilbert, começando a ficar preocupado.

– E agora, que vamos fazer? – pergunta Seppo.

Gilbert olha o relógio e dá um pulo.

– Faltam dez minutos para o programa...

– E nós vamos...? – indaga Teekka espantada.

Gilbert pensa um pouco e diz com segurança:

– Vamos sim... Ashtarih vai cuidar deles... Podem ter certeza.

Cap. 18 – ONDAS DE LUZ

Em poucos instantes, lá estão no estúdio, em frente aos microfones. Gilbert, preocupado com os pais, consulta o mini-micro. Está às escuras. Toca no monitor. Este se ilumina e dele parte um feixe de luz que se reflete na parede em frente, bem ao lado da janela de vidro que separa o estúdio da sala de controle, formando uma estranha tela que, obviamente, não é vista pelo operador de áudio. Nessa tela surge a imagem de seu Jasse e dona Amanda enrolados em cobertores, e seu Timoon está junto deles, dando-lhes algo quente para beber. Ao lado, os esquifes onde estiveram congelados.

As crianças, aliviadas e felizes, comemoram.

– Mamãe!... papai! – grita Teekka, exultante, olhando para a imagem dos pais.

– Eles estão livres... estão livres! – exclama Seppo no auge do contentamento.

Gilbert suspira aliviado.

Na sala de controle, o operador arregala os olhos

espantado. Ele sabe que no estúdio não há mais ninguém, além das três crianças. Pega o interfone e liga para o patrão:

– Seu Duarte, parece que as crianças endoidaram... Acho bom o senhor vir aqui.

Quando seu Duarte entra na sala de controle, vê as crianças pulando de mãos dadas, olhando felizes na direção da parede do estúdio.

Os três param de pular, e Seppo acena em direção às imagens na parede, dizendo:

– Oi, seu Timoon... traz eles logo. A gente está morrendo de saudade... do senhor também.

– Viu, seu Duarte!? – exclama o operador. – Estão doidos. O que que eu faço?

Seu Duarte bate com os nós dos dedos no vidro. As crianças olham para ele e levantam os polegares em sinal positivo, voltando para seus lugares. Com expressão resignada, diz:

– Seja o que Deus quiser. Bota no ar... vamos ver no que vai dar.

A música que estava tocando vai chegando ao fim, e o operador prepara-se para abrir o programa das crianças. Com ar muito preocupado, seu Duarte arranca um fio do próprio cabelo, gesto que faz quando está tenso. Gilbert, dirigindo-se às imagens refletidas na parede, promete:

– Nós vamos fazer um programa bem legal. É em homenagem a vocês.

Com isso, a tensão aumenta na sala de controle. O operador bota no ar a música de abertura de “Os Mensageiros de Ashtarih”. Seu Duarte começa um gesto para mandar sustar, mas desiste ao ver as crianças voltando suas atenções para o trabalho. O operador baixa o volume e faz sinal para Gilbert, que diz:

– Boa tarde, ouvintes de todo o Brasil e dos demais países que estão em rede conosco. Os Mensageiros de Ashtarih estão no ar.

– Hoje é um dia muito especial para nós... e também para você que nos escuta – diz Teekka,

– É isso mesmo – fala Seppo, por sua vez. – Ashtarih e seus mensageiros conseguiram uma grande vitória contra Ruk

Pollus.

Gilbert e Teekka olham para o irmão com ar de reprovação, porque esse assunto não deve ser divulgado. Seppo faz um gesto de quem se desculpa. Seu Duarte, a essas alturas, arranca um punhado de fios de cabelo. O operador rói as unhas de uma das mãos. A outra está pronta para tirar os Virtaset do ar.

Olha para seu Duarte, como a esperar essa ordem, mas Gilbert, sem nada perceber e com muita presença de espírito, conserta a leviandade do irmão, dizendo:

– Realmente, hoje nós tivemos a notícia de que milhares de crianças em toda parte estão trabalhando por um mundo melhor. São crianças que entenderam que é preciso acabar com essa cultura da violência que tomou conta da Terra.

Gilbert olha para o irmão, passando-lhe a palavra, e desta vez Seppo dá o recado muito bem, dizendo:

– Será que não dá para a gente se divertir de forma pacífica? Será que essas pessoas que fazem filmes, que fazem jogos eletrônicos precisam botar violência neles? Pois eu acho que tem muita coisa boa, muita diversão gostosa sem essa de machucar, bater, quebrar, explodir... e matar.

Dois suspiros na sala de controle dão conta do alívio de seu Duarte e do operador, ao verem que as crianças não estão doidas, pois estão se saindo muito bem. Agora é a vez de Teekka dar seu recado:

– Os Mensageiros de Ashtarih, de todo o planeta, querem que os adultos reaprendam a viver... a viver em paz e a respeitar os direitos dos outros, que façam um mundo bom para todos.

Os três irmãos capricham no programa conforme promessa de Gilbert a seu Timoon e aos pais. Seu Duarte não arreda o pé, sorrindo satisfeito, eufórico, e às vezes até mesmo emocionado. No encerramento, o operador coloca um CD, por meio do qual se ouvem apenas gorjeios de pássaros e o som de uma cachoeira. Teekka fecha os olhos e concentra-se. Em sua mão, aparece a pedrinha cor-de-rosa. Sua expressão se torna suave e ela fala com pequenas pausas entre os parágrafos, nas quais só se ouve a cachoeira e os pássaros:

– Imagine que você está no meio da mata, junto de uma

cachoeira. Ouça o canto dos passarinhos e o som da água. Vamos concentrar nosso pensamento na paz, porque o mundo está precisando de paz. Mas não é só pensar... é também sentir... Vamos sentir amizade, afeto, carinho... desejando paz e fraternidade para nossos familiares e amigos... para os nossos vizinhos, para os conhecidos... E também para os desconhecidos... Paz e fraternidade para todas as pessoas da Terra.

Enquanto Teekka fala, uma luz cor-de-rosa surge sobre seu peito, à altura do coração, e circula em torno dela. A luz cor-de-rosa penetra no microfone e chega às antenas da emissora, formando belos efeitos de cor sob a luz do sol poente.

Teekka continua, dizendo com emoção:

– Vamos amar o nosso planeta, o nosso mundo azul que é tão lindo. Amar as pessoas, a natureza... tudo.

Teekka abre os olhos e sua expressão é de profundo amor. Conclui, dizendo:

– Os Mensageiros de Ashtarih desejam ao mundo paz, justiça, respeito e fraternidade.

Ashtarih e Faavia, na base espacial do Comando Solar, observam num monitor o desenrolar do programa. Sorriem felizes ao perceber a luz cor-de-rosa irradiando-se através das antenas da emissora em todas as direções, alcançando milhões de corações desejosos de amor e de paz.

Seu Duarte, habitualmente tão calculista, emociona-se com as palavras de Teekka. Só percebe que o programa já terminou quando as crianças irrompem na sala com sua alegria juvenil, pegando-o com os olhos marejados de lágrimas.

– Que foi, seu Duarte? – pergunta Seppo impulsivamente.
– O senhor está triste?

– Nada!... bem ao contrário – responde o homem. – Pela primeira vez na vida, estou achando que há esperança para o nosso planeta.

As crianças partem alegremente, apostando entre si se já irão encontrar os pais em casa ou se terão de esperar por eles. Mas todos concordam em que devem preparar o jantar, depois lavar a louça e arrumar a cozinha; dessa vez, na divisão das tarefas, chegam a um acordo sem brigas.

FIM